

CICLO DE ESTUDOS
MESTRADO EM FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA

Da Definição de Poder de Foucault e do Governo dos Algoritmos

Luiz Carlos Maschio Denker

Setembro

2024



Luiz Carlos Maschio Denker

Da Definição de Poder de Foucault e do Governo dos Algoritmos

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Filosofia Contemporânea, orientada
pela Professora Doutora Maria Couto

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

2024

Sumário

DECLARAÇÃO DE HONRA / <i>DECLARATION OF HONOUR</i>	4
AGRADECIMENTOS	5
RESUMO	6
ABSTRACT	7
INTRODUÇÃO	8
1. OS TRÊS GRANDES PROBLEMAS, AS TRÊS FASES DA FILOSOFIA DE FOUCAULT	12
1.1. A ARQUEOLOGIA – OS DOCUMENTOS E O PODER DO SABER	13
1.2. GENEALOGIA E PODER DISCIPLINAR.....	20
1.2.1. <i>A genealogia e o ultrapassar superfícies</i>	20
1.2.2. <i>A abertura ao contingente</i>	23
1.2.3. <i>Vigiar e Punir</i>	27
1.2.4. <i>Corpo e indivíduo</i>	29
1.2.5. <i>Espaço</i>	34
1.2.6. <i>Tempo</i>	37
1.2.7. <i>A silenciosa vigilância, o acúmulo de documentos e o poder que produz realidades</i>	41
1.2.8. <i>O Panóptico</i>	48
1.3. A TERCEIRA FASE - FOUCAULT, O CORPO E A ÉTICA	52
2. O PODER, O GOVERNAR E ECONOMIA DOS DESEJOS	61
2.1. O PODER E O GOVERNAR	61
2.2. AS CONFISSÕES E A ECONOMIA DOS DESEJOS	62
3. O GOVERNO DOS ALGORITMOS.....	68
3.1. A CONSTANTE CONFISSÃO – A OBSERVAÇÃO TOTAL NOS ESPAÇOS DIGITAIS	68
CONCLUSÃO	79
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	85

Declaração de honra / *Declaration of Honour*

Declaro que a/o presente dissertação é de minha autoria e não foi utilizada/o previamente noutro curso ou unidade curricular de outra instituição. As referências a outros autores (textos, trabalhos, ideias) respeitam escrupulosamente as regras de atribuição de autoria e encontram-se devidamente indicadas no texto e nas referências bibliográficas, de acordo com as normas de referência. Tenho consciência de que a prática de plágio e auto-plágio constitui um ilícito académico.

I hereby declare that this dissertation is of my authorship and has not been used previously in another course, degree, curricular unit or subject, at any other institution. References to other authors (statements, ideas, thoughts) scrupulously respect the rules of attribution and are duly indicated in the text and bibliographical references, in accordance with the rules of referencing. I am aware that the practice of plagiarism and self-plagiarism is an academic offense.

Declaro, ainda, que não utilizei ferramentas de inteligência artificial generativa (chatbots baseados em grandes modelos de linguagem) para realização de parte(s) da presente dissertação, encontrando-se todas as interações (prompts e respostas) transcritas em anexo.

I further declare that I have not used generative artificial intelligence tools (chatbots based on large language models) to carry out part(s) of this dissertation, and that all interactions (prompts and responses) have been transcribed in the annex.

[Porto, Portugal, Setembro 2024] / [Porto, Portugal, September 2024]

[Luiz Carlos Maschio Denker]

Agradecimentos

A realização desta dissertação representa a concretização de um sonho e a superação de muitos desafios. Para chegar até aqui, contei com o apoio, incentivo e colaboração de diversas pessoas, às quais dedico esta dissertação com imensa gratidão.

Em primeiro lugar, agradeço a professora Maria Couto por sua orientação.

Aos meus pais, Ilcemara e Carlos pelo amor incondicional, apoio e compreensão em todos os momentos, por acreditarem em mim e incentivarem meus estudos desde o início. Este trabalho também é fruto do esforço e dos valores que me ensinaram.

Por fim, agradeço a Mariajosé Amaral Chombo por me encorajar, incentivar e estar ao meu lado durante este período. Também agradeço a todos que, de alguma forma, contribuíram para que este trabalho se tornasse possível.

Muito obrigado!

Resumo

A presente dissertação examina a influência da Tecnologia da Informação (TI) nas relações de poder, governança e formação da subjetividade por meio da filosofia de Foucault. Baseando-se no seminário *A Tecnologia Política dos Indivíduos*, de Foucault, encontramos uma das questões centrais do filósofo, a saber: “O que somos hoje?”. A partir das vias, conceitos e métodos, que ele utiliza para responder esta questão, vamos analisar os espaços digitais e como estes desempenham um papel crucial na definição do “eu” contemporâneo. O texto apresenta as três fases da filosofia de Foucault — arqueológica, genealógica e ética — cada uma abordando os problemas interligados da verdade, do poder e da conduta individual. Essas etapas revelam como o acúmulo de documentos e informações está profundamente relacionado à governança, disciplina e dinâmicas de poder. A fase genealógica é particularmente relevante, pois enfatiza como o controle e o acúmulo de dados sobre o corpo, comportamento e desempenho dos indivíduos configuram as relações de poder. Também é apresentado o conceito de *panóptico* com o intuito de analisar as Tecnologias da Informação, em especial a ferramenta Sistemas de Recomendação, que utilizam estratégias semelhantes de observação, coleta de dados e influência para direcionar o comportamento do usuário.

As novas tecnologias e suas ferramentas moldam nossas identidades, definem verdades e estabelecem as fronteiras do nosso campo de ação a partir do espaço digital. Ao explorar os conceitos de poder e governar de Foucault, a análise mostra como a TI restringe nosso campo de possibilidades e ações. Destaca-se a necessidade de examinar criticamente como as tecnologias digitais replicam dinâmicas, mecanismos e estruturas de poder, influenciando e restringindo quem somos hoje, e chama a atenção para uma compreensão mais profunda das implicações éticas dessa vigilância e governança na era digital.

Palavras-chave: Poder, Genealogia, Arqueologia, Tecnologia da Informação, Subjetividade

Abstract

This dissertation examines the influence of Information Technology (IT) on power relations, governance and the formation of subjectivity through Foucault's philosophy. Based on Foucault's seminar *The Political Technology of Individuals*, it highlights the philosopher's central question there, namely: "What are we today?", and argues that digital spaces play a crucial role in defining the contemporary self. The text presents the three phases of Foucault's philosophy-archaeological, genealogical and ethical-each addressing the interconnected problems of truth, power and individual conduct. These stages reveal how the accumulation of documents and information is deeply related to governance, discipline and power dynamics.

The genealogical phase is particularly relevant, as it emphasizes how the control and accumulation of data about the body, behavior and performance of individuals shapes power relations. The concept of panoptics is also presented in order to analyze Information Technologies, especially the Recommender Systems tool, which use similar strategies of observation, data collection and influence to direct user behavior.

We argue that IT tools, especially Recommendation Systems, operate within the same logic as traditional power mechanisms, using data to observe, categorize and influence human actions. These technologies shape our identities, define truths and set boundaries for action, often without our explicit awareness. By exploring Foucault's concepts of micro and macro-power, the analysis shows how IT restricts our field of possibilities and actions, defining who we are today. It highlights the need to critically examine how digital technologies replicate historical power dynamics, influencing and restricting who we are today, and draws attention to a deeper understanding of the ethical implications of this pervasive surveillance and governance in the digital age.

Key-words: Power, Genealogy, Archaeology, Information Technology, Subjectivity

Introdução

Surge no seminário *A Tecnologia Política dos Indivíduos*, ministrado por Foucault na Universidade de Vermont, a seguinte afirmação: a atividade filosófica “(...) se caracteriza pela questão, permanente e perpetuamente renovada: “*O que somos hoje?*” (Foucault, 2004, p.301). Pergunta que não pretendemos responder de forma exaustiva nesta dissertação, mas que serviu de motor para reconhecermos a filosofia de Foucault como uma via que nos permite problematizar a influência que as Tecnologias da Informação (TI) têm no estabelecimento das *relações de poder*, do *governar* e da formação da nossa *subjetividade*. Nosso objetivo é efetuar um levantamento das três fases da filosofia de Foucault e seus principais conceitos para diagnosticar como as novas tecnologias, em especial a Tecnologia da Informação, definem o *eu* contemporâneo.

Foucault reconhece em suas últimas entrevistas que as publicações mais tardias de sua carreira intelectual assumem outro estilo e esquema de inteligibilidade, e notamos que há uma constante tentativa do próprio filósofo em resumir e tornar claro o percurso que sua obra seguiu. Para tal ele diz que sua filosofia tratou de três problemas inseparáveis: o da verdade, o do poder e o da conduta individual.¹ Estes três problemas marcam também três etapas de sua filosofia: a arqueológica, a genealógica e as questões éticas como o *cuidado de si*.

Apresentaremos estas etapas com o objetivo de levantar os conceitos que nos ajudaram a expor como o acúmulo de documentos e informações está relacionado com o ato de governar, com o disciplinar e a configuração das relações de poder e do exercício do poder. Veremos que em todas estas fases há uma constante preocupação do filósofo francês em reconhecer a importância dos documentos e em descrever como, no desenrolar da história, foram desenvolvidas técnicas e mecanismos para maximizar a observação e coleta de informações, uma vez que este acúmulo documental possibilita

¹ “(...) esses três grandes domínios da experiência só podem ser entendidos uns em relação aos outros, e não podem ser compreendidos uns sem os outros. O que me incomodou nos livros precedentes foi o fato de eu ter considerado as duas primeiras experiências sem levar em conta a terceira (...)” (Foucault, 2004, p. 253)

a elaboração de mecanismos, estratégias, finalidades e normas a serem seguidas pelos indivíduos observados.

Após este levantamento conceitual prosseguiremos com a problematização das Tecnologias da Informação e sua influência na configuração das relações de poder, no governar e na formação da subjetividade. Muitos dos mecanismos, aparatos e aspetos que formam as bases para o estabelecimento das relações de poder, dos sistemas disciplinares e do governar e que, conseqüentemente, delimitam *o que e quem somos* podem ser projetados nas novas tecnologias. Assim, ensaiamos uma analogia entre os aspetos da *disciplina* e o modo de operar dos Sistemas de Recomendação.

Para cumprir com este objetivo de problematizar os espaços digitais, vamos à fase genealógica, pois é através desta em conjunto com as outras fases, que o filósofo francês encontra uma metodologia que o permite fazer uma abertura da filosofia ao corpóreo e ao contingente. É nesta fase que o filósofo analisa como o controlo e acúmulo de informações sobre o corpo de cada indivíduo, sobre os gestos e o uso do tempo, sobre o comportamento e o desempenho são fundamentais para configurar relações de poder e a delimitação do campo de ações. Veremos que as relações de poder, o poder disciplinar e o governar estão envolvidos com uma série de contingências, as quais penetram de forma capilar todos os âmbitos da vida, projetam espaços e estabelecem os limites das nossas ações, desejos, pensamentos. Finalmente apresentaremos como as novas tecnologias, em especial a ferramenta chamada de Sistemas de Recomendação (*Recommender System*), operam nesta mesma lógica de observação, acúmulo de informação, de vigiar e punir, de disciplinar e governar.

A nível de estrutura, este trabalho configura-se em três seções. A primeira é dedicada a apresentar os três principais problemas que permeiam a filosofia de Foucault e, apesar da diferenciação conceitual já assinalada, podemos reconhecer um objectivo comum em todas: expor como o exercício do poder e seus mecanismos têm capacidade de produzir diferentes subjetividades. Também, demonstramos, simultaneamente, como todas as diferentes fases do percurso intelectual de Foucault se complementam e entrelaçam, todas elas demonstram a importância dos documentos, do acúmulo e

gestão de informações sobre os indivíduos com o objetivo de docilizar, disciplinar e estabelecer relações de poder.

Na segunda seção apresentaremos as definições de Foucault acerca do *poder*, *das relações de poder* e *governar*. Esta seção é fundamental para estabelecer como o poder se manifesta e emerge de relações nas quais um indivíduo direciona ou define o campo de ações de outro na escala do micro-poder (*Micro-power*) ou, também, na escala do macro-poder (*Macro-power*) quando temos a estrutura do Estado e de instituições que modificam as ações de todo um conjunto e sociedade. Foucault vem a chamar de *governar* este processo de delimitar o âmbito de possibilidades e ações. Esse levantamento conceitual é fundamental para os exemplos que apresentaremos nas seções subsequentes e para a análise e problematização que faremos das novas tecnologias que permeiam nosso cotidiano, restringem nosso campo de possibilidades e ações e, conseqüentemente, configuram nosso “eu”.

A terceira seção expõe o exemplo das confissões citado por Foucault na *História da Sexualidade* para ilustrar como o poder pastoral instaurou-se e desenvolveu práticas, técnicas e mecanismos para delimitar o uso que os indivíduos fazem de seus desejos e o âmbito de suas ações. Definimos que esta prática envolvia um processo de escuta, de recolha e acúmulo de informações e dados (sejam opiniões, relatos sobre a conduta e comportamento, desejos etc.), seguido de uma minuciosa análise e posterior recomendação de como se deveria agir, pensar e desejar. A confissão revela-se assim como um mecanismo fundamental para se estabelecer relações de poder, exercer e conservar o poder e governar.

Nesta terceira seção também veremos como não só o poder pastoral utilizou desta arte do *fazer-falar* e do *escutar* para direcionar e definir as ações (*governar*) dos indivíduos, esta técnica difundiu-se e foi utilizada principalmente pela medicina do Século XIX para acumular informações, diagnosticar, prescrever e recomendar. A partir desses exemplos de como o poder é exercido através da observação, do acúmulo de informações e da posterior elaboração de normas e recomendações de como se deve agir tentamos problematizar como as novas Tecnologias da Informação (IT), em especial os Sistemas de Recomendação, utilizam desta mesma dinâmica. *O que somos hoje é*

definido, em grande parte, pelo *espaço digital*, espaço este que passou a existir a partir do advento da Internet e de outras redes digitais que podem ser acedidas através de dispositivos eletrônicos, como smartphones e computadores. Este novo espaço das Tecnologias da Informação é um espaço que contém em si uma série de mecanismos que definem verdades, estabelecem o que é real, determinam os limites das nossas possibilidades, moldam nosso “*eu*” e definem o *que somos hoje*.

1. Os três grandes problemas, as três fases da filosofia de Foucault

O saber, o poder e a subjetividade são temas que para Foucault estão intimamente relacionados. Nos seus últimos artigos e entrevistas o filósofo estabelece um fio-condutor que une todas as etapas anteriores do seu trabalho, em uma tentativa final de resumir e concatenar todo seu percurso intelectual. Nos seus escritos tardios o pensador francês expõe que o seu percurso e carreira intelectual foram dedicados a “(...) criar uma história dos diferentes modos pelos quais, em nossa cultura, a subjetividade humana é produzida (...)” (Foucault, 1982, p.777) Ele considera que só será possível criar esta história se os “(...) três grandes tipos de problemas: o da verdade, o do poder e o da conduta individual (...)” forem abordados em conjunto. É, portanto, necessário estabelecer uma relação entre as fases que sustentam a metodologia de Foucault (a arqueológica e a genealógica) e a sua última fase ética.²

Apresentar estas três fases contribui com o nosso objetivo porque nos permite perceber, com maior capilaridade e abertura para a multidisciplinaridade e o contingente, a possibilidade e o potencial que uma filosofia tem para problematizar temas da contemporaneidade. As três fases são indissociáveis e formam os “(...) três grandes domínios da experiência e só podem ser compreendidos uns em relação aos outros, e não podem ser compreendidos uns sem os outros.” (Foucault, 2004, p.253) Uma filosofia que destaca como o poder não é repressivo, mas sim multiplicador de discursos e mecanismos que permeiam, de forma silenciosa, todos os âmbitos da vida humana nos permite analisar, a partir de uma perspectiva crítica e detalhada, as novas tecnologias e a consequência do seu uso no estabelecimento de relações de poder e na determinação da subjetividade dos indivíduos.

² “Os problemas que estudei são os três problemas tradicionais. 1) Que relações mantemos com a verdade através do saber científico, quais são nossas relações com esses “jogos de verdade” tão importantes na civilização, e nos quais somos simultaneamente sujeitos e objetos? 2) Que relações mantemos com os outros, através dessas estranhas estratégias e relações de poder? Por fim, 3) quais são as relações entre verdade, poder e si mesmo?” (Foucault, 2004, p.300)

O método arqueológico e genealógico são ferramentas que permitem Foucault problematizar a formação da subjetividade e os processos, técnicas e mecanismos que estão presentes no estabelecimento de relações de poder e determinação do campo de ação dos indivíduos:

(...) meu problema não era definir o momento a partir do qual alguma coisa como o sujeito apareceria, mas sim o conjunto dos processos pelos quais o sujeito existe com seus diferentes problemas e obstáculos, e através de formas que estão longe de estarem concluídas (...) (Foucault, 2004, p.262)

Este processo de *emergência do sujeito* atravessa desde as relações de saber e poder até as considerações do corpo, e este como um novo meio para se buscar as origens e no qual a história está inscrita — consideração importante que possibilita uma genealogia, pois amplia as variáveis de onde podemos buscar os desdobramentos históricos que levam às origens:

Eu chamaria de subjetivação o processo pelo qual se obtém a constituição de um sujeito, mais precisamente de uma subjetividade, que evidentemente não passa de uma das possibilidades dadas de organização de uma consciência de si. (Foucault, 2004, p.262)

O sujeito e sua constituição não é mais um tema que deve ser tratado a partir de uma só perspectiva e problemática. O campo da ética não se desenvolve de maneira independente do campo da verdade (do saber), do poder e das relações que existem entre estes. Apresentaremos nas próximas seções as metodologias utilizadas por Foucault, a arqueologia e a genealogia, destacando o potencial que estas nos fornecem para analisarmos as relações de saber, de poder e sua influência na delimitação do campo das ações e da subjetividade.

1.1. A arqueologia – os documentos e o poder do saber

Na primeira fase, a arqueológica, destaca-se o interesse do filósofo sobre os *discursos* que pretendem assumir um status de *ciência*, que produzem o que consideramos *conhecimento* e *verdade*. Esta metáfora –a arqueologia– que Foucault utiliza para nomear sua metodologia representa uma nova postura em relação ao fazer história, escavar para além do que é evidente, ir além da análise superficial dos eventos

e *documentos* com a finalidade de tornar aparentes as regras e estruturas que possibilitam a existência de certos discursos em detrimento de outros. O contexto histórico e como lidamos com este assume um papel fundamental na formação dos discursos. Rompe-se aqui com a análise puramente linguística dos discursos. A arqueologia:

(...) consiste em não – não já – tratar os discursos como conjuntos de signos (de elementos significantes remetendo para conteúdos ou para representações), mas como práticas que formam sistematicamente os objectos dos quais falam. Os discursos são, é certo, feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É este mais que os torna irreduzíveis à língua e à fala. É este “mais” que é necessário fazer aparecer e descrever. (Foucault, 2020, p. 88)

Escolhemos a obra *A Arqueologia do Saber* para apresentarmos a etapa na qual a metodologia arqueológica define o ritmo do pensamento de Foucault e modifica como se abordam os documentos, como se *faz história*. Seleccionamos esta obra porque ela faz uma retomada dos erros e acertos da abordagem histórica e do método que utilizou em suas obras anteriores: *História da Loucura*, *O Nascimento da Clínica*, *As Palavras e as coisas*. (Foucault, 2020, p. 18)

Veremos no desenvolvimento desta seção como Foucault descreve a metodologia arqueológica e como ele propõe uma nova maneira de se analisar o discurso e história com o objetivo de romper com uma tentativa acumulativa, linear, teleológica e total de fazer história. A arqueologia permite que a análise do discurso deixe de lado perspectivas que buscam estruturas rígidas, continuidade, necessidade e unidade no discurso histórico, assumindo assim um discurso que comporta as ruturas, os limites, as diferenças e um mundo de contingências.

Na introdução de *A Arqueologia do Saber* o filósofo francês contrasta dois métodos utilizados pelos historiadores e divide-os em duas principais categorias, os historiadores tradicionais e os historiadores das ideias. A primeira categoria é definida pelos historiadores que possuem uma visão contínua da história, na qual o objetivo é acomodar e acumular os eventos e acontecimentos de uma forma progressiva e linear.³

³ Em certo sentido, podemos ver aqui um aspeto de afastamento de Foucault em relação a Hegel e Marx, pois ambos nos parecem possuir uma forte compreensão de continuidade e linearidade em sua concepção da história, i. e., seja na dialética idealista do primeiro ou na materialista histórica do segundo. Cf. HEGEL, G. W. F. (2003) *Fenomenologia do Espírito*. Rio de Janeiro, Vozes; HEGEL, G. W. F. (1956) *The*

Para estes o que importa é fazer uma leitura dos acontecimentos destacando “(...) os equilíbrios estáveis e difíceis de quebrar, os processos irreversíveis, as regulações constantes, os fenómenos tendenciais que culminam e se invertem depois de continuidades seculares (...)” A história segundo estes está fundamentada em “(...) grandes alicerces imóveis e mudos que a sobreposição das narrativas tradicionais recobriria de toda uma espessura de acontecimentos.” (Foucault, 2020, p. 35)

Foucault faz um levantamento das questões feitas por estes historiadores: “Como estabelecer entre eles (os acontecimentos) uma ordem de sucessão necessária? Que continuidade os atravessa ou a significação global que acabam por formar? (...)” (Foucault, 2020, p.36) Em contrapartida, segundo Foucault, os historiadores das ideias parecem não estar mais interessados em uma metodologia dedicada à continuidade, mas sim dedicada à rutura.⁴ As novas questões agora são: “que estratos devem ser isolados uns dos outros? Que tipos de séries instaurar? Que critérios de periodização adoptar para cada série? Que sistema de relações (...) é possível descrever entre uma e outra? (...)” (Foucault, 2020, p. 36)

Foucault cita G. Bachelard, G. Canguilhem e M. Guérout para exemplificar como os conceitos científicos são influenciados pelos contextos históricos e suas descontinuidades.⁵ O problema histórico para eles, então, “não é o da tradição e do

Philosophy of World History, edited and translated by John Sibree, New York: Dover; MARX, K; ENGELS, F. (1976). *The German Ideology*, translated by Clemens Dutt, W. Lough, and C. P. Magill, London: Lawrence and Wishart.

⁴ “(...)em grande parte ao trabalho do historiador e aos seus métodos, a atenção deslocou-se, pelo contrário, das vastas unidades que eram descritas como “épocas” ou “séculos” para fenómenos de rutura.” (Foucault, 2020, p.36)

⁵ David Webb, em seu livro *Foucault's Archaeology: Science and Transformation* discorre sobre o contributo dos autores citados acima para demonstrar como na história da ciência e da matemática podemos encontrar uma constante formação e transformação dos conceitos e conhecimentos em diferentes contextos históricos. Webb expõe a influência de figuras como Gaston Bachelard, Canguilhem, Michel Serres e Jean Cavaillès no conceito de “a priori histórico” de Foucault. Este conceito é fundamental para a arqueologia pois refere-se aos mecanismos, relações de poder, regras e condições que regem a forma como o conhecimento é produzido num período histórico específico. Assim, Bachelard ao voltar-se para a história da ciência elaborou o conceito “rupturas epistemológicas”. Tal conceito demonstra, como as disciplinas científicas, são alvo de mudanças e transformações em seus métodos. Canguilhem, por sua vez, define que os conceitos fogem a qualquer linearidade histórica, ou seja, para ele não há uma evolução gradual dos conceitos científicos e o uso dos conceitos é diferente em determinado contexto histórico. Já Serres e Cavaillès, em sua história da matemática, desafiam a concepção da matemática como uma linguagem intemporal e universal. Demonstraram como os axiomas e estruturas matemáticas são influenciados por contingências históricas e moldados pelo contexto social e intelectual.

traço, mas o do recorte e do limite; já não é o do fundamento que se perpetua, é o das transformações que valem como fundação e renovação das fundações.” (Foucault, 2020, p. 38) Esta nova postura em relação ao fazer história representa o que Foucault chama de “*Redistribuições recorrentes*”, ou seja, a multiplicidade de estruturas que estão presentes em qualquer área da história. Foucault utiliza o exemplo de como na história da ciência havia uma negligência em relação aos “vários passados, várias formas de encadeamentos, várias hierarquias de importâncias, várias redes de determinações, várias teleologias, para uma só e mesma ciência.” (Foucault, 2020, p. 37) Há uma constante transformação e descontinuidade no âmbito da história da ciência que eram deixados de lado, ou até soterrados, com a finalidade de acomodar o avanço científico de forma progressiva, acumulativa e linear.⁶

Após apresentar este contraste, Foucault diz que não devemos nos iludir com uma simples transição das disciplinas históricas do contínuo para o descontínuo e vice-versa.⁷ Foucault argumenta que este contraste pode ser considerado falso, pois as duas maneiras, apesar de distintas, tratam dos “mesmos problemas,” mas com “efeitos inversos.” Segundo Foucault, o problema que une estas duas abordagens é “o pôr em questão do documento.” (Foucault, 2020, p. 37) A definição que é dada por Foucault ao fazer história está associada com o documento: “(...) a história é uma certa maneira de uma sociedade conferir estatuto e elaboração a uma massa documental (...)” (Foucault, 2020, p.40). A diferença, portanto, entre a história tradicional e a arqueologia está na finalidade com a qual estas duas abordagens colocam os documentos em questão:

(...) a história mudou sua posição perante o documento (...) O documento já não é, pois, para a história essa matéria inerte através da qual ela tenta reconstituir o que os homens fizeram ou disseram, o que é passado e cujo rasto apenas permanece: procura definir no próprio tecido documental unidades, conjuntos, series, ligações.” (Foucault, 2020, p. 40)

⁶ É interessante notarmos o paralelo nessa análise feito pelo filósofo da ciência Thomas Kuhn em sua obra *The Structure of Scientific Revolutions*, escrita em 1962, i. e., em pleno vigor do trabalho filosófico de Foucault. A obra também cria uma ruptura na noção de continuidade linear da ciência, vinculando as revoluções científicas ao espírito do tempo e às mudanças culturais e especialmente nas alterações na *weltanschauung* adotada por uma sociedade em determinado tempo e lugar. Kuhn, T. S. (1962). *The Structure of Scientific Revolutions*. Chicago, USA. University of Chicago Press.

⁷ “(...) Não devemos acreditar que, uma vez mais, estas duas grandes formas de descrição se cruzaram sem se reconhecer.” (Foucault, 2020, p. 39)

A arqueologia, essa nova maneira de se fazer histórica, só é possível na medida que “(...) transformamos os documentos em monumentos (...)” (Foucault, 2020, p. 40) A postura arqueológica é de escavar o próprio conjunto de documentos e encontrar neste conjunto os monumentos. A postura de erigir monumentos e acomodar os documentos para sustentá-los e justificá-los é abandonada. É objetivo de Foucault superar a prática linear dos historiadores tradicionais, a prática que envolve o que o filósofo veio a chamar de *justificação antropológica* (a história para afirmar, justificar e acomodar os eventos com a finalidade de sustentar uma ideia, uma prática ou norma). Nas próximas seções veremos como Foucault também reconhece no método genealógico uma via para superar esta tendência da *justificação antropológica* de divinizar acontecimentos, de tornar grandiosa a origem de um povo, de engrandecer um evento em detrimento de outros. Porém, vale já prestar tal esclarecimento, e a seguinte passagem é elucidativa:

(...) desprender a história da imagem na qual ela durante muito tempo se quis comprazer e através da qual descobria a sua justificação antropológica a de uma memória milenar e coletiva que recorria ao auxílio de documentos matérias para redescobrir a frescura das suas recordações; ela é o trabalho e a recomposição de uma materialidade documental (livros, textos, narrativas, registros, actas, edifícios, instituições, regulamentos, técnicas, objetos, costumes, etc.) que apresenta, sempre e em toda a parte, em toda a sociedade, formas ora espontâneas ora organizadas de remanescência. (Foucault, 2020, p. 40)

Esta mudança de abordagem do documento tem quatro grandes consequências. A primeira é definida como o superar do efeito de superfície. Há um questionamento das diferentes ideias sobre os vários tipos de séries que constituem a história, tomar como certo os tipos de séries progressivas, principalmente o pressuposto de uma “cronologia contínua da razão que se fazia remontar invariavelmente à origem inacessível” (Foucault, 2020) é negligenciar e abandonar uma série de eventos que não contribuem para esta análise superficial dos documentos. Este ato de olhar para os documentos e traçar uma cronologia progressista e teleológica forma uma superfície que encobre as reais origens, os reais eventos que estão registrados nos documentos. A arqueologia permite que historiadores questionem as próprias séries pela possibilidade de colocar em dúvida a tendência de fazer história como uma “(...) tarefa de definir relações (de causalidade simples, de determinação circular, de antagonismo, de expressão).” (Foucault, 2020, p. 41) O ato de categorizar os acontecimentos entre

importantes e mínimos, de acomodar os eventos a fim de estabelecer uma hierarquia e teleologia é colocado em questão. Não há mais espaço para a tendência da totalização e nem de um esquema linear, há agora uma abertura para o que é irredutível, contingente, breve, distinto e “rebelde a uma lei única.”

A segunda consequência é representada pela noção de descontinuidade. A história em sua forma clássica trata o descontínuo “ao mesmo tempo como o dado e o impensável”, pois era ao se deparar com o material descontínuo que o historiador deveria, através de sua análise, limar as arestas até que uma continuidade aparecesse.⁸ Isso que antes era contornado agora é um dos elementos fundamentais da análise histórica.⁹ A descontinuidade, em tal perspectiva, precede o trabalho do historiador, pois ele precisa selecionar entre níveis descontínuos de análise e tipos de periodização para lidar com o seu material (documental).

A impossibilidade de uma história global marca a terceira consequência citada por Foucault. O projeto de uma história global procura o rosto de uma época, tenta resumir um período a partir de uma só lei, de estabelecer um princípio seja material ou espiritual que define uma civilização, uma sociedade. Este projeto visa estabelecer

(...) um sistema de relações homogêneas: uma rede de causalidade permitindo derivar cada um deles, relações de analogia mostrando como se simbolizam uns aos outros, ou como exprimem todos um só e mesmo núcleo central (...) a própria história pode ser articulada em grandes unidades – estágios ou fases – em si próprias detentoras do seu princípio de coesão. (Foucault, 2020, p. 43)

Em contrapartida a história nova tem como tarefa conceber uma história geral a qual não presume nenhuma continuidade a partir de um conjunto de documentos, e há uma abertura para formas mais heterogêneas de relações entre diferentes áreas (direito, economia, arte, política etc.). Esta história geral tem como tarefa “determinar que forma de relação pode ser legitimamente descrita entre essas diferentes séries; que sistemas verticais são suscetíveis de formar (...)” (Foucault, 2020, p. 44)

⁸ “A descontinuidade era esse estigma da dispersão temporal que o historiador estava encarregado de suprimir da história.” (Foucault, 2020, p. 42)

⁹ “(...) este deslocamento do descontínuo: a sua passagem do obstáculo à prática; a sua integração no discurso do historiador em que já não desempenha o papel de uma fatalidade exterior que aquele deve reduzir, mas o de um conceito operatório que é utilizado; e assim a inversão de sinal graças à qual deixa de ser o negativo da leitura histórica (...)” (Foucault, 2020, p. 43)

A quarta consequência está relacionada com o ato de questionar o documento a partir da nova perspectiva e a série de implicações metodológicas que esta tem. Como se deve delimitar o corpo de documentos que serão estudados para se “fazer” a história de determinado tema ou período? Como se deve analisar esse corpo documental? Quais os princípios devem pautar esta análise? Qual critério devemos utilizar para definir grupos, regiões ou períodos? Estas questões e problemas antes eram colocados especificamente pela filosofia da história, mas com esta nova postura, proposta por Foucault, eles passam a ser fundamentais para a própria história e a sua metodologia.

Essa mudança em relação à história não era percebida antes porque a ideia de uma história contínua, ordenada e teleológica servia para conceber a consciência humana e o sujeito como o ponto originário de todo desenvolvimento histórico e de toda ação. A história global e das continuidades insiste em uma noção centralizada e total do sujeito humano e, portanto, busca acomodar os documentos e eventos para justificar e manter esta posição. Foucault considera que Marx – ao propor uma análise puramente relacional –, Nietzsche – ao substituir os fundamentos racionais originais por uma genealogia moral –, e a psicanálise – ao mostrar que não somos transparentes a nós mesmos – desafiaram essa tradição de manter a história em um sono tranquilo ao introduzir uma descontinuidade radical na história e no sujeito humano. (Foucault, 2020)

1.2. Genealogia e poder disciplinar

Um dos meus objetivos é mostrar às pessoas que um bom número de coisas que faz parte de sua paisagem familiar – que elas consideram universais – são o produto de certas transformações históricas bem precisas. Todas as minhas análises se contrapõem à ideia de necessidades universais na existência humana. Elas acentuam o caráter arbitrário das instituições e nos mostram de que espaço de liberdade ainda dispomos, quais são as mudanças que podem ainda se efetuar.

Foucault

1.2.1. A genealogia e o ultrapassar superfícies

Nesta seção temos como objetivo apresentar a leitura que Foucault faz do método genealógico de Nietzsche e, reconhece neste método, uma via para diagnosticar e criticar a tradição filosófica que não ousou ir para além da superfície, metafísica e teleológica, que vinha a ser construída por uma busca baseada em falsas causas, ou como veremos, em falsas *origens*.

Uma superfície é sempre aquilo que pode estar a encobrir algo, por exemplo a superfície de um lago encobre todo um conjunto de seres e coisas que em um primeiro contacto não podemos ver e apreciar. Podemos aplicar este mesmo exemplo a múltiplas situações e áreas do conhecimento, e não é por acaso que utilizamos o termo “superficial” para descrever pessoas, análises ou filosofias que não ultrapassam o que aparece em um primeiro contato e ignoram todo um mundo de possibilidades que está para além deste, mas que o sustenta.

Foucault reconhece que Nietzsche diagnostica como superficial todo o pensamento e filosofia que tem sua gênese em preconceitos morais e metafísicos. Este faz uma constante denúncia contra aqueles que nestes preconceitos acreditam ter encontrado as reais causas, as soluções para os mais variados problemas acerca da subjetividade, da racionalidade, da moral. De acordo com o autor de *Zaratustra* estes, os representantes da filosofia tradicional, fundamentam suas filosofias em uma “antiquíssima ilusão”:

O que é tão difícil para os homens compreenderem, dos mais remotos tempos até hoje, é sua ignorância sobre si mesmos! Não apenas em relação ao bem e ao mal, mas em relação a coisas muito mais essenciais! Continua existindo a antiquíssima

ilusão de saber, saber com precisão em cada caso, *como se produz a ação humana*.
(A §116)

Inclinam-se ao “mundo interior”, à pura racionalidade, à dialética e metafísica como se estas fossem necessárias e suficientes para fundamentar suas filosofias.

Os atos não são jamais aquilo que nos parecem ser! Despendemos tantos esforços para aprender que as coisas exteriores não são como nos parecem ser – pois bem! Dá-se o mesmo com o mundo interior! (A §116)

Foucault reconhece no método genealógico nietzschiano uma possibilidade de abrir a filosofia para as contingências, para superar a falha sistêmica da tradição filosófica em busca das origens. Abaixo faremos uma breve consideração sobre a relação entre a presença do naturalismo na filosofia de Nietzsche e a possibilidade de romper com o pensamento metafísico devido ao uso da fisiologia, o corpo, e de outras disciplinas para discorrer sobre a moral, a formação e gênese dos valores. Este também é um ponto de aproximação entre a filosofia de Foucault e o filósofo alemão e podemos perceber como ambos direcionam-se ao corpóreo e ao contingente.

Brian Leiter, um dos responsáveis por editar e reunir uma coletânea dos principais artigos sobre Nietzsche para a Oxford University Press (2013), seleciona o artigo *Nietzsche, Genealogy, History* de Foucault, pois acredita que este é relevante para abordar a metodologia genealógica. Leiter localiza as influências que levaram Nietzsche a voltar-se à “fisiologia, à medicina e às ciências naturais”¹⁰ e considera que o naturalismo está presente e é indispensável na filosofia nietzscheana, principalmente na perspectiva da suspeita e da busca pela superação do que estamos a nomear de superficial.

Em Leiter encontramos alguns exemplos e a interessante caracterização do *Humean Nietzsche*, a qual nos ajuda a perceber como o projeto nietzschiano está em consonância com o naturalismo, principalmente se citarmos a transvaloração dos valores e a tentativa de explicar a moralidade de forma naturalista.¹¹ Fato que demonstra como a filosofia de Nietzsche não é mero estilo e retórica, não se vale apenas

¹⁰ “Apossou-se de mim uma sede verdadeiramente abrasadora: a partir de então, voltei-me apenas à fisiologia, à medicina e às ciências naturais – e só regressei de novo aos genuínos estudos históricos quando a tarefa a tal imperiosamente me coagiu.” (Nietzsche, 2016, p. 88)

¹¹ “(...) the Nietzsche who aims to explain morality naturalistically (...)” (Leiter, 2013, p. 582)

do poder de convencimento de suas obras como pensam, mas sim utiliza-se de múltiplas e diferentes áreas do saber para construir uma explicação causal acerca das nossas crenças, comportamentos e práticas morais.¹²

A genealogia por sua vez revela o interesse de Nietzsche em demonstrar como a origem dos valores morais, práticas sociais etc. estão enraizados, ou melhor, têm as suas origens em elementos contingentes, acidentais e transitórios que se reconfiguram de acordo com uma dinâmica conflituosa entre forças e poder. “Genealogy reveals the contingency and contestability of ideas and practices that hide these aspects of their origins.” (Bevir, 2008, p. 271)

Para Nietzsche a filosofia tem de ir além de qualquer dualismo e dicotomia entre corpo e mente, e a separação estrita entre as ciências do espírito (*Geisteswissenschaften*) e as ciências da natureza (*Naturwissenschaften*) tem de tornar-se obsoleta. A filosofia nietzschiana é um convite para *descermos* da altura da pura racionalidade, da clareza e distinção e transpormos os preconceitos metafísicos e morais, ultrapassar a superfície composta por estes. Esta perspectiva vai em direção ao corpóreo, à pluralidade dos nossos impulsos e fisiologia.

O inconsciente disfarce de necessidades fisiológicas sob o manto da objetividade, da ideia, da pura espiritualidade, vai tão longe que assusta – e frequentemente me perguntei se até hoje a filosofia de modo geral, não teria sido apenas uma interpretação do corpo e uma má-compreensão do corpo. Por trás dos supremos juízos de valor que até hoje guiaram a história do pensamento se escondem más-compreensões da constituição física.” (GC, prefácio 2)

Foucault aceita este convite e vamos discorrer sobre como este reconhece na genealogia um método de análise para desenvolver sua filosofia mais próxima do corpóreo, do contingente e de uma análise plural e descentralizada do poder.

¹² “On my reading of M-Naturalism, the Human Nietzsche emulates the methods of science by trying to construct causal explanations of the moral beliefs and practices of human beings. (...) We do well to remember how important causal explanation is to Nietzsche’s philosophical project. When he says in *Daybreak*, for example, that ‘Our moral judgments and evaluations... are only images and fantasias based on physiological process unknown to us’ (D 119) ‘it is always necessary to draw forth... the *physiological* phenomenon behind the moral predispositions and prejudices’” (D 542) (Leiter, 2013, p. 587)

1.2.2. A abertura ao contingente

No ensaio *Nietzsche, Genealogy, History* (1977) Michel Foucault faz uma espécie de apologia ao método genealógico nietzschiano e reconhece que encontrou na genealogia a abertura para uma nova maneira de se fazer história e de buscar a *origem* através de uma complexa trama de eventos, documentos e relações de poder. Nos seguintes parágrafos veremos como Foucault insere no fazer história e filosofia uma busca pelas origens para além de qualquer continuidade, linearidade e teleologia. O autor francês reconhece que são quatro os pilares da genealogia nietzschiana responsáveis por remediar a busca pelas origens.

O primeiro conceito ao qual Foucault dedica sua atenção é o de *Origem (Ursprung)*. O filósofo francês considera que a genealogia nietzschiana desafia toda a pureza que a tradição filosófica costuma depositar no nascimento das ideais e dos conceitos, a gênese que antes era vista como algo grandioso e alheio ao tempo, ao corpo e ao mundo (metafísico), ou por vezes também relacionada com a teogonia, agora o é a partir da perspectiva nietzschiana assume um status mais *terreno*, pois não negligencia as pequenas variáveis e conflitos de poder que influenciam seu desdobramento. (Foucault, 1977, p. 143) A busca pela gênese também era sinônimo de busca pelos fundamentos fixos dos quais tudo se desdobrava, e para Foucault isto é superado pela genealogia. A busca é pelas diferentes origens que eventualmente se sobrepõem e são substituídas pelo constante jogos de forças e poder.

A genealogia não tem como ponto de partida o metafísico, a força criadora divina ou qualquer definição que se pretenda fixa e imutável. O ponto de partida passa a ser a própria história, os instintos, o corpóreo, os sentimentos, os valores, as relações de poder e conhecimento. Variáveis estas que antes eram desconsideradas e negligenciadas enquanto variáveis matriciais para a produção do conhecimento verdadeiro. Estas variáveis passam a ser fundamentais para o exercício de remover todas as camadas que encobrem a identidade original de um conceito, uma ideia, uma norma ou uma lei. O genealogista descobre que há algo por trás da origem das coisas “mas não uma essência atemporal e sim que não há uma essência ou esta essência foi fabricada (...)” (Foucault, 1977, p. 142), os modelos estáveis que garantiam uma *origem*

externa ao mundo e independente dos acidentes e sucessões dos acontecimentos históricos são substituídos por uma dinâmica de conflito entre forças, de relações de poder e conhecimento.

Por exemplo, o conceito de conhecimento e verdade não é mais considerado a partir de uma postura que define um linear e teleológico progresso destes. Através da genealogia percebemos que estes emergem das disputas e conflitos entre os intelectuais, acadêmicos e todo o meio que se propõe a elaborar suas descobertas e definições. Também podemos citar o conceito de liberdade, este conceito não mais tem sua origem a partir de uma concepção de natureza humana, sendo antes uma invenção. Foucault elucida:

(...) genealogical analysis shows that the concept of liberty is an “invention of the ruling classes” and not fundamental to man’s nature or at the root of his attachment to being and truth. What is found at the historical beginning of things is not the inviolable identity of their origin; it is the dissension of other things. It is a disparity. (Foucault, 1977, p. 142)

A busca pela origem (*Ursprung*) forma um dos pilares da genealogia nietzschiana na medida que torna possível buscar um evento originário sem recorrer aos artifícios metafísicos e supra históricos, sem engrandecer ou tentar manipular a definição de um conceito atribuindo-lhe uma gênese divina, atemporal e dialética.

Descendência ou *herança* (*Herkunft*) é o segundo conceito que Foucault apresenta como uma das principais contribuições da genealogia nietzschiana; este conceito também se remete à *origem*, mas uma origem no sentido de herança, de ancestralidade e procedência. No artigo referido encontramos o exemplo que ilustra como havia uma tendência da tradição filosófica em analisar o desdobramento de uma determinada cultura como a grega, inglesa ou alemã a partir de características históricas, sociais e raciais que contribuíssem para uma definição uniforme, linear e coerente, de uma identidade pertencente a cada uma destas culturas. Como se fosse possível reunir e manipular toda a história de um povo desde a sua origem até o momento atual para dar uma única e sólida definição do que é ser grego, do que é ser inglês ou alemão.

O genealogista ao invés de buscar uma identidade coerente e sólida na história de uma cultura busca, na verdade, uma miríade de fatores que contribuem para demonstrar como a descontinuidade, os acidentes e desvios são características presentes no desenrolar daquelas.

Genealogy does not pretend to go back in time to restore an unbroken continuity that operates beyond the dispersion of forgotten things; its duty is not to demonstrate that the past actively exists in the present [...] Genealogy does not resemble the evolution of a species and does not map the destiny of a people. On the contrary, to follow the complex course of descent is to maintain passing events in their proper dispersion; it is to identify the accidents, the minute deviations [...] that gave birth to those things that continue exist and have value for us; it is to discover that truth or being do not lie at the root of what we know and what we are, but the exteriority of accidents. (Foucault, 1977, p. 146)

Não há uma constante busca dos fundamentos que justificam o *ethos* de um povo ou cultura, há sim uma busca pelos diferentes fragmentos que contribuem para a análise do desenvolvimento e metamorfosear de tal *ethos*.

De acordo com Foucault a análise genealógica a partir da ancestralidade também permite-nos adicionar uma variável fundamental ao fazer filosofia: o corpo. Variável está que permite tanto a Nietzsche¹³ como ao filósofo francês incluir a fisiologia, a biologia, a medicina, a psicologia e outras áreas em seu método genealógico e na sua análise da história.¹⁴ Os valores que uma geração escolhe e o estilo de vida que tais valores impõem aos seus corpos afetam as gerações posteriores e isto ajuda-nos a perceber como a genealogia, a análise da ancestralidade está vinculada com a história, com o desenvolvimento de determinada cultura e povo.

O corpo guarda inscrito em si a ancestralidade e, portanto, a origem do que antes era aceito como valores fundamentais e ideais. O corpo passa a ser um dos principais objetos de estudo para aqueles que pretendem investigar sobre a história em uma materialidade que está em constante fluxo e movimento. A história deixa suas marcas no corpo e o corpo deixa suas marcas na história, a leitura do que aconteceu no passado e do que acontece agora ganha um novo meio, o corpo. “The body – and everything that

¹³ “(...) Considero ser estéril qualquer coisa que seja fruto da autorreflexão do espírito e não acredito que uma boa pesquisa pode ocorrer sem o corpo como guia.” (Nietzsche, 2015)

¹⁴ “(...) descent attaches itself to the body. It inscribes itself in the nervous system, in temperament, in the digestive apparatus; it appears in faulty respiration, in improper diets, in the debilitated and prostrate body of those whose ancestors committed errors.” (Foucault, 1977, p. 147)

touches it: diet, climate, and soil – is the domain of the Herkunft. The body manifests the stigmata of past experience and also gives rise to desires, failings, and errors.” (Foucault, 1977, p. 148)

O terceiro pilar da genealogia é *Emergência (Entstehung)* e refere-se àquilo que é proeminente em determinado ponto da história, é a consequência do conjunto de forças, corpos, leis, valores, instituições etc. que conseguiram *governar* outros conjuntos de forças em determinado período. De acordo com Foucault temos de ter cautela para não interpretar aquilo que emerge de um período histórico como algo necessário e inevitável, pois se assim fizermos estaremos a incorrer no erro da teleologia e a atribuir um propósito, uma finalidade para o conjunto de eventos que constituem o passado.¹⁵ Não devemos subtrair a descontinuidade em prol da continuidade.

O quarto e último pilar da genealogia nietzschiana é chamado de *Effective History (Wirkliche Historie)* e está relacionado com os conceitos discutidos anteriormente. Refere-se a crítica que Nietzsche arquitetou contra aqueles que pensam que a função da história é reduzir todos os acontecimentos em um enredo coerente e fechado em si mesmo, um enredo que reúne e justifica os eventos passados de forma harmoniosa com a finalidade de torná-los elementos que se encaixem e contribuam para a formação de um discurso que sustente um conjunto de crenças, valores ou até alimente o engrandecimento de determinada pessoa, raça, cultura ou povo. A crítica de Nietzsche tem como alvo a perspectiva supra histórica (*suprahistorical perspective*), pois esta permite que o metafísico manipule os eventos e acontecimentos de acordo com os seus propósitos, estruturando assim os eventos passados com a finalidade de justificar uma definição, um conceito etc. (Foucault, 1977, p. 152)

O conceito de *Effective History* admite as oscilações e descontinuidades que estão presentes na sucessão das gerações e dos eventos; o historiador ou quem pretende utilizar da história como via para o pensar deve debruçar-se sobre as singularidades, sobre as múltiplas variáveis (o corpo, as leis, as instituições, a moral etc.)

¹⁵ “In placing present needs at the origin, the metaphysician would convince us of an obscure purpose that seeks its realization at the moment it arises. Genealogy, however, seeks to reestablish the various systems of subjection: not the anticipatory power of meaning, but the hazardous play of dominations.” (Foucault, 1977, p. 148)

e o vagaroso e intrincado movimento existente entre estas.¹⁶ Dissolver a singularidade dos eventos para acomodá-los num plano que prioriza um *fim* (teleologia) ou uma definição de *natureza* ou fundamento é o que fazem os tradicionais historiadores. Nietzsche e posteriormente Foucault negam a existência de um mecanismo que regula a história, pois na história nada é fixo, tudo decorre de um desdobramento de forças (do micro ao macro) e do conflito entre elas.¹⁷

1.2.3. Vigiar e Punir

Continuaremos a expor sobre a fase genealógica a partir da obra *Vigiar e Punir*, pois é neste projeto que Foucault utiliza a genealogia para expor a concepção que Foucault tem acerca do poder e como as relações de poder se estabelecem a partir de uma série de mecanismos. Nesta obra o filósofo francês elabora uma genealogia do sistema penal e das prisões modernas, expondo as principais mudanças que ocorreram nas técnicas disciplinares e, conseqüentemente, no vigiar e punir. Veremos que a observação e a possibilidade de captar e acumular informações sobre os indivíduos assume um papel central no processo disciplinar. Estas mudanças trazem uma série de consequências na política e economia; os corpos segundo Foucault passam a ser enxergados a partir do critério da docilidade e utilidade,¹⁸ os espaços projetados a partir do critério da funcionalidade e observação total, o tempo a ser dividido e analisado a partir dos segundos. A seguir veremos como estes conceitos se fundamentam e daremos atenção especial aos aspetos do *espaço* e *tempo*.

No início da obra *Vigiar e Punir*, Foucault expõe que no *Ancien Régime* a justiça e o poder se materializavam e concretizavam através de torturas e punições executadas como um espetáculo ao grande público, um poder que visivelmente se manifestava

¹⁶ “Effective history differs from traditional history in being without constants. Nothing in man – not even his body – is sufficiently stable to serve as the basis for self-recognition or for understanding other men. The traditional devices for constructing a comprehensive view of history and for retracing the past as a patient and continuous development must be systematically dismantled (...)” (Foucault, 1977, p. 153)

¹⁷ “They (the forces) do not manifest the successive forms of a primordial intention and their attraction is not that of a conclusion, for they always appear through the singular randomness of events.” (Foucault, 1977, p. 154)

¹⁸ Toda essa temática se encontra desenvolvida de forma semelhante no último capítulo do primeiro volume da *História da Sexualidade* (1976), escrita aproximadamente um ano após o *Vigiar e Punir* (1975).

através dos excessos. Era uma verdadeira cerimónia repleta de instrumentos e técnicas¹⁹ com a finalidade de demonstrar e tornar explícito o peso da lei aos que estavam ali presentes, baseando-se a verticalidade deste poder na exposição total das consequências de ultrapassar os limites do que era considerado normal, legal, bom e aceitável pelo monarca. Aqui o corpo e cada uma das manifestações de dor, desprazer, ou até o completo dilaceramento deste, reforçava e reestabelecia o poder e autoridade do soberano.²⁰

A punição deixa de ser um espetáculo público a partir das transformações e revoluções europeias nos séculos subsequentes. O seu novo palco é localizado no interior de espaços que tem como principal objetivo observar, docilizar e por fim disciplinar o indivíduo. Ao longo do livro, Foucault realiza uma genealogia do sistema penal moderno, apontando transições que expõem como o poder e a disciplina passam a ser executados de forma descentralizada e silenciosa. O que nos interessa neste cenário é perceber como ao desenvolver a genealogia do poder disciplinar, Foucault escreve paralelamente uma *história da alma e do corpo*, ou como Foucault diz “uma história do presente” (“*the history of the present*”).²¹

Nas seguintes secções temos como objetivo expor como Foucault estabelece uma transição do corpo como alvo do espetáculo da tortura para o corpo como algo que pode ser controlado e melhorado através da vigilância, do poder da normalização e da disciplina. Esta transição, como veremos, tem consequências na política e na economia visto que cada corpo será disciplinado a partir de um critério de utilidade.

Os conceitos expostos no capítulo “Disciplina” de *Vigiar e Punir* são fundamentais para percebermos como o controle do *espaço* e do *tempo* relacionam o

¹⁹ O primeiro capítulo de *Vigiar e Punir* chama-se “O Corpo do Condenado”. No início deste Capítulo Foucault utiliza o exemplo da execução de Damiens em 1757 para ilustrar em quase quatro páginas toda a cerimónia da execução: “(...) Then the executioner, his sleeves rolled up, took the pincers, which had been especially made for the occasion, and which were about a foot and a half long, and pulled off first at the calf of the right leg, the at the thigh, and from there at the two fleshy parts of the right arm; then at the breasts.” (Foucault, 2019, p.8)

²⁰ “(...) the crime on the visible body of the criminal (...) it also made the body of the condemned man the place where the vengeance of the sovereign was applied, the anchoring point for a manifestation of power, an opportunity of affirmer the dissymmetry of forces.” (Foucault, 2019, p.72)

²¹ “If one means by that writing a history of the past in terms of the present. Yes, if one means writing the history of the present.” (Foucault, 2019, p.42)

que viemos a discutir sobre as intersecções existentes entre conhecimento, poder e subjetividade. Abaixo vamos discorrer sobre estas modificações no espaço e como elas maximizam a capacidade de observação e, conseqüentemente, facilitam a coleta de dados e informação; e o estabelecimento das formas em que o tempo será utilizado através de rotinas rigorosamente definidas. Estas definições serão utilizadas posteriormente para problematizarmos os Sistemas de Recomendação e o que chamamos de *espaços digitais*, pois acreditamos que podemos projetar nas novas tecnologias as múltiplas e mais variadas maneiras de vigiar, observar, categorizar e disciplinar tendo em vista um critério de utilidade que é definido por um algoritmo.

Abaixo vamos expor o que possibilitou a docilização dos corpos e o surgimento das novas técnicas e mecanismos disciplinares.

1.2.4. Corpo e indivíduo

Foucault defende que a mudança de perspectiva em relação ao corpo e a possibilidade deste ser modificado e melhorado fundamenta o precedente para a docilização e o poder disciplinar. Para expor esta mudança de perspectiva ele cita o exemplo da evolução que a figura ideal de soldado em diferentes períodos históricos ilustra. Este passa a ser analisável, manipulável e um objeto a ser docilizado.²² No início do Século XVII, durante o *Ancien Régime*, havia alguns critérios para considerar a excelência de um soldado, sendo o principal deles a capacidade de demonstrar sua *natural* superioridade através da resistência, robustez e domínio de uma série de características corporais. (Foucault, 2019, p.106) Esta representação do soldado enfatizava a força física acima de tudo. Mas, como refere Foucault, na Era Clássica (*Classical Age*), no Século XVIII, houve uma mudança nesses critérios pois o soldado seria considerado ideal caso houvesse a possibilidade de ser “feito”, moldado através do treino e da disciplina.²³ Este período trouxe uma nova compreensão da dinâmica do

²² “A body is docile that may be subjected, used, transformed and improved.” (Foucault, 2019, p.166)

²³ “By the eighteenth century, the soldier has become something that can be made; out of a formless clay, an inapt body, the machine required can be constructed; posture is gradually corrected; a calculated constraint runs slowly through each part of the body, mastering it, making it pliable, ready at all times, turning silently into the automatism of habit (...)” (Foucault, 2019, p.106)

poder, pois nele o critério ideal já não é baseado na *natureza*, antes o corpo de cada indivíduo se tornou tanto um objeto como um alvo do poder (Foucault, 2019, p.107), e a possibilidade de moldar estes corpos abriu um novo precedente para que cada detalhe da sua formação seja relevante. O corpo passa a ser uma peça fundamental na grande maquinaria do poder.

A análise de Foucault sublinha a forma como as percepções dos soldados evoluíram ao longo do tempo, demonstrando como cada aspeto e detalhe acerca dos indivíduos é fundamental para torná-los manipuláveis e, assim, assumir a forma que o aparato de poder em questão estipula através de suas considerações acerca da utilidade e da eficiência que este corpo terá dentro do seu sistema de normas e hierarquias.

Foucault considera também a fase inicial da Revolução Industrial, posterior ao *Ancien Régime*, como um episódio relevante, pois é neste período que houve uma mudança nos valores sociais, houve um favorecimento dos corpos que podiam ser tecnicamente melhorados em detrimento dos que tinham uma boa genética e uma estrutura robusta natural. Esta mudança marca um ponto de virada no qual tanto os indivíduos como as sociedades têm a possibilidade de serem reorganizados para se tornarem mais eficientes e produtivos. Durante este período, os avanços nos processos de produção e nas tecnologias estavam a transformar rapidamente a forma como a sociedade funcionava. O foco na eficiência e no progresso levou a uma reavaliação do que constituía um corpo ideal, bem como quais seriam as ações e comportamentos ideais. Os corpos que podem ser moldados e melhorados através da tecnologia são vistos como mais alinhados com os critérios de utilidade do que aqueles com força física inata ou boa genética, pois estão mais aptos a tornarem-se objetos e agentes do poder. São mais adaptáveis às exigências dos diferentes espaços que formam sistemas disciplinares (fábricas, escolas, hospitais, exército etc.).

Foucault cita a obra *O Homem-máquina (L'Homme-machine)* de De La Mettrie como exemplo para demonstrar como encontramos na Época Clássica questões que são voltadas para a relação entre a manipulabilidade do corpo, o exercício de poder e a possibilidade da transformação de uma sociedade através de técnicas. Foucault argumenta que neste livro a descoberta do corpo como um objeto manipulável está

dividido em dois principais registos: o *registo anatómico-metafísico* (*anatomic-metaphysical register*), que segundo Foucault foi inaugurado por Descartes e teve continuidade na área da medicina, dedicado ao corpo e suas funções;²⁴ e o *registo técnico-político* (*technico-political register*), que utiliza um conjunto de regulações, métodos, cálculos e quantificações para tornar os corpos dóceis, corrigíveis e controláveis (estes relacionados com as práticas utilizadas nas forças armadas, nas escolas e hospitais).²⁵ Estes dois registos representam na obra de De La Mettrie a possibilidade de uma redução materialista da alma e uma *teoria do adestramento* (*theory of dressage*) na qual a noção de *docilidade* (*docility*)²⁶ desempenha um papel central, pois um corpo analisável é um corpo manipulável.

Assim temos a definição de que “um corpo dócil é aquele que pode ser submetido, usado, transformado e melhorado.” (Foucault, 2019, p.107) Nos próximos parágrafos veremos como a docilidade de um corpo está relacionada com os principais aspetos que fundamentam e configuram o poder disciplinar.

Foucault argumenta que, embora a ideia de que o poder se exerce sobre o corpo não seja nova,²⁷ o que se destaca nos projetos de docilidade (*projects of docility*) do Século XVIII é a maneira como o corpo passa de um mero símbolo de punição para se tornar algo a ser otimizado, visando eficiência e produtividade. Foucault defende que estes novos projetos de docilidade consideram que o corpo se torna um objeto de controle e já não tem como função “significar”, mas sim assume um papel “económico” através da constante observação, prática e exercício.²⁸ O aspeto inovador destes

²⁴ “(...)the anatomic-metaphysical register, of which Descartes wrote the first pages and which the physicians and philosophers continued.” (Foucault, 2019, p.107)

²⁵ “(...)“the technico-political register, which was constituted by a whole set of regulations and by empirical and calculated methods relating to the army, the school and the hospital, for controlling or correcting the operations of the body.”(Foucault, 2019, p.107)

²⁶ “La Mettrie’s L’Homme-machine is both a materialist reduction of the soul and a general theory of dressage, at the centre of which reigns the notion of ‘docility’, which joins the analysable body to the manipulable body.” (Foucault, 2019, p.107)

²⁷ “It was certainly not the first time that the body had become the object of such imperious and pressing investments; in every society, the body was in the grip of very strict powers, which imposed on it constraints, prohibitions or obligations.” (Foucault, 2019, p.107)

²⁸ “Then there was the object of the control: it was not or was no longer the signifying elements of behaviour or the language of the body, but the economy, the efficiency of movements, their internal organization; constraint bears upon the forces rather than upon the signs; the only truly important ceremony is that of exercise.” (Foucault, 2019, p.108)

projetos e que mais nos interessa é a observação ininterrupta *e constante coerção* sobre o *tempo*, o *espaço* e o *movimento*. Para Foucault, estes métodos e processos de projetar e regular de maneira minuciosa *onde*, *quando* e *o que* será feito é essencial para tornar os indivíduos dóceis e, posteriormente, disciplinados.²⁹ Esses métodos são chamados por Foucault de “disciplinas”:

These methods, which made possible the meticulous control of the operations of the body, which assured the constant subjection of its forces and imposed upon them a relation of docility-utility, might be called ‘disciplines.’ (Foucault, 2019, p. 108)

Os novos métodos disciplinares (*disciplinary methods*) que emergem nesse período diferem substancialmente de formas anteriores de controle social, como a escravidão, a servidão, a vassalagem, o ascetismo e as disciplinas monásticas. Essas formas tradicionais de disciplina eram marcadas por uma repressão explícita e uma hierarquia clara, em que o poder era exercido de maneira visível e centralizada em figuras de autoridade. A escravidão, por exemplo, envolve a dominação direta e violenta do corpo, enquanto a servidão e a vassalagem operam através de relações de dependência e submissão hierárquica. As disciplinas monásticas e o ascetismo, por sua vez, estão ligados a regimes de autorregulação sob a supervisão constante de uma autoridade religiosa.

Em contraste, os novos esquemas disciplinares introduzidos nos Séculos XVII e XVIII são silenciosos e sutis, caracterizados por uma dispersão do poder que não se centraliza em uma figura única de autoridade. Nesse novo modelo, a disciplina não depende mais de uma repressão direta ou de uma autoridade visível, mas opera através de mecanismos de vigilância e controle distribuídos, que atuam sobre os corpos de maneira contínua e quase imperceptível. Essa disciplina é internalizada pelos indivíduos, tornando-se uma forma de autogestão, onde o controle é exercido sem o uso explícito da força ou da dominação física.

They were different from slavery because they were not based on a relation of appropriation of bodies; indeed, the elegance of the discipline lay in the fact that it could dispense with this costly and violent relation by obtaining effects of utility at

²⁹ “Lastly, there is the modality: it implies an uninterrupted, constant coercion, supervising the processes of the activity rather than its result and it is exercised according to a codification that partitions as closely as possible time, space, movement.” (Foucault, 2019, p. 108)

least as great. They were different, too, from 'service', which was a constant, total, massive, non-analytical, unlimited relation of domination, established in the form of the individual will of the master, his 'caprice'. They were different from vassalage, which was a highly coded, but distant relation of submission, which bore less on the operations of the body than on the products of labour and the ritual marks of allegiance. Again, they were different from asceticism and from 'disciplines' of a monastic type, whose function was to obtain renunciations rather than increases of utility and which, although they involved obedience to others, had as their principal aim an increase of the mastery of each individual over his own body. (Foucault, 2019, p.108)

A consequência da emergência dessas novas disciplinas é um novo cenário político com novos mecanismos de poder, pois a possibilidade de manipular o corpo com a finalidade de torná-lo dócil e útil serve também para enxergá-lo como uma ferramenta que participa e serve a um sistema económico e político com estratégias definidas. Este corpo deve se encaixar, ser útil, e contribuir, ser obediente, para que esse sistema seja eficiente.

The historical moment of the disciplines was the moment when an art of the human body was born, which was directed not only at the growth of its skills, nor at the intensification of its subjection, but at the formation of a relation that in the mechanism itself makes it more obedient as it becomes more useful, and conversely. What was then being formed was a policy of coercions that act upon the body, a calculated manipulation of its elements, its gestures, its behaviour. The human body was entering a machinery of power that explores it, breaks it down and rearranges it. A 'political anatomy', which was also a 'mechanics of power' was being born (...) (Foucault, 2019, p. 108)

Vimos até agora os exemplos que Foucault cita para demonstrar uma mudança de perspectiva em relação ao corpo como objeto e alvo do poder. Na medida que o corpo passa a ser analisável e objeto de docilização multiplicam-se também as técnicas e mecanismos disciplinares. Essa mudança de perspectiva não apenas redefine a utilidade do corpo, mas também inaugura um novo cenário político e económico, em que o controle sobre o corpo está relacionado à eficiência e produtividade do sistema como um todo. Nas próximas seções veremos como Foucault apresenta como o *espaço* e *tempo* são aspetos fundamentais para o estabelecimento do poder disciplinar.

1.2.5. Espaço

A disciplina tem como principal aspeto a organização dos indivíduos, nomeadamente num espaço físico. Este aspeto envolve a utilização de várias técnicas específicas como *clausura (enclosure)*, *segmentação (partitioning)* e *espaços funcionais (functional sites)* com a finalidade de estabelecer um sistema que priorize o controle e a ordem.

(...) the disciplines create complex spaces that are at once architectural, functional and hierarchical. It is spaces that provide fixed positions and permit circulation; they carve out individual segments and establish operational links; they mark places and indicate values; they guarantee the obedience of individuals, but also a better economy of time and gesture. (Foucault, 2019, p.116)

A clausura é uma técnica definida quando um local específico, totalmente fechado, é destinado para isolar um grupo dos demais. O espaço fechado e isolado catalisa o controle que pode ser exercido sobre os indivíduos que estão distribuídos neste. Foucault cita o exemplo de escolas que passaram a seguir modelos monásticos³⁰ com a finalidade de delinear uma separação entre o universo de indivíduos que ali estavam em relação ao mundo externo. As fábricas seguiam este modelo para proteger o seu património e minimizar o risco de serem roubadas ou invadidas e também para criar uma rotina que maximiza a produção.³¹

Outro aspeto que Foucault cita é o de *segmentação* ou *compartimentação (partitioning)*, no qual os indivíduos, a partir da análise dos seus *dossiês*, são distribuídos em espaços específicos e adequados para estes. Há assim um espaço determinado para cada tipo de indivíduo.

Each individual has his own place; and each place its individual. Avoid distributions in groups; break up collective dispositions; analyse confused, massive or transient pluralities. Disciplinary space tends to be divided into as many sections as there are bodies or elements to be distributed.” (Foucault, 2019, p.112)

³⁰ “There were the collèges, or secondary schools: the monastic model was gradually imposed; boarding appeared as the most perfect, if not the most frequent, educational régime”. (Foucault, 2019, p.111)

³¹ “The factory was explicitly compared with the monastery, the fortress, a walled town (...) The aim is to derive the maximum advantages and to neutralize the inconveniences (thefts, interruptions of work, disturbances and ‘cabals’), as the forces of production become more concentrated; to protect materials and tools and to master the labor force” (Foucault, 2019, p.112)

Esta técnica de segmentação e compartimentação possibilita a análise do espaço de *maneira analítica (analytical space)* e potencializa a supervisão dos indivíduos que estão neste sítio. Estabelecendo assim um espaço que impede relações indesejadas que podem colocar a ordem em risco e causar descontrole. O objetivo é priorizar as comunicações entre os diferentes grupos a partir de um critério de utilidade e interromper as outras que podem oferecer risco. Também é importante ressaltar como a conduta de cada indivíduo deve ser observada, julgada, e seus méritos e qualidades devem ser registrados, pois o acúmulo de documentos é fundamental para a definições de estratégias disciplinares. (Foucault, 2019, p. 113)

O terceiro aspecto que Foucault considera fundamental é de que os espaços devem ser funcionais (*functional sites*). Além de seguir os aspectos de clausura e segmentação, o espaço também tem de ser projetado na medida em que torne os indivíduos funcionais e úteis para desempenhar determinada atividade. Foucault utiliza o exemplo dos hospitais como espaços funcionais, pois estes através das técnicas de isolar, categorizar e a terapêutica de restaurar os corpos conseguem restabelecer a utilidade dos indivíduos. Ou seja, o espaço é projetado a partir de uma função estabelecida.

As fábricas também são um exemplo de espaços funcionais, a divisão dos trabalhadores em cargos ou tarefas específicas, da observação constante de suas atividades e categorização, também visavam a maximização da produtividade e funcionalidade dos indivíduos.

By walking up and down the central aisle of the workshop, it was possible to carry out a supervision that was both general and individual: to observe the worker's presence and application, and the quality of his work; to compare workers with one another, to classify them according to skill and speed; to follow the successive stages of the production process. (Foucault, 2019, p.114)

Isto cria um espaço no qual é possível identificar facilmente se um indivíduo está ou não exercendo sua função de forma eficiente, e caso não esteja a executar suas tarefas corretamente será corrigido ou alocado. Ao ter em conta e sob vigia todas as

variáveis que correspondem ao critério de utilidade³², é possível utilizar o espaço como um mecanismo que alavanca as competências e minimiza as falhas e erros.

A *hierarquização (Rank)* também é um aspeto necessário em um espaço disciplinar.³³ A definição de uma hierarquia e das diferentes classes que a compõem é fundamental para classificar e distribuir os indivíduos. Como exemplos deste modelo organizacional podemos ver as instituições de ensino e principalmente a sua aplicação no meio militar. Este tipo de organização do espaço, onde cada indivíduo desempenha uma função e ocupa uma posição específica, facilita no desenvolvimento de um sistema de observação e controle, pois dentro dos sistemas hierárquicos teremos indivíduos que são responsáveis a observar o desempenho de outros e a definir a posição destes dentro da hierarquia ou se serão excluídos desta.³⁴

In organizing 'cells', 'places' and 'ranks', the disciplines create complex spaces that are at once architectural, functional and hierarchical. It is spaces that provide fixed positions and permit circulation; they carve out individual segments and establish operational links; they mark places and indicate values; they guarantee the obedience of individuals, but also a better economy of time and gesture. (Foucault, 2019, p.116)

Em conjunto com as técnicas do domínio do espaço no processo disciplinar, Foucault expõe como a elaboração de *tabelas (tables)* pode ser considerado um dos grandes avanços científico, político e económico a nível de ferramenta de controle do Século XVIII. O desenvolvimento e uso das tabelas é considerado por Foucault como simultaneamente uma técnica de poder e um procedimento de conhecimento, aqui ele faz uma relação entre o que vimos anteriormente na arqueologia sobre a questão do poder relacionado com o discurso que se pretende verdadeiro.

(...) how one was to observe, supervise, regularize the circulation of commodities and money and thus build up an economic table that might serve as the principle of the increase of wealth; how one was to inspect men, observe their presence and absence and constitute a general and permanent register of the armed forces; how one was to distribute patients, separate them from one another, divide up the

³² "Each variable of this force – strength, promptness, skill, constancy – would be observed, and therefore characterized, assessed, computed and related to the individual who was its particular agent." (Foucault, 2019, p. 114)

³³ "Discipline is an art of rank, a technique for the transformation of arrangements." (Foucault, 2019, p.115)

³⁴ "By assigning individual places it made possible the supervision of each individual and the simultaneous work of all." (Foucault, 2019, p. 116)

hospital space and make a systematic classification of diseases (...) the table was both a technique of power and procedure of knowledge. (Foucault, 2019, p.117)

Parece-nos que os conceitos propostos por Foucault e citados acima, como segmentação, espaços funcionais e analíticos são fundamentais para os projetos de docilidade e o exercício do poder disciplinar. Estes conceitos são vias que utilizaremos para problematizar as novas Tecnologias da Informação e a criação de *espaços digitais*. Espaços estes que implementam e utilizam dos aspetos disciplinares citados acima, continuando a lógica de controle e poder que encontramos desde o Século XVII-XVIII e valendo-se de técnicas e mecanismos que permitem funcionar em tempos atuais, com mais potência e penetração em todos os âmbitos da vida.

Para a análise que realizaremos posteriormente nos enfocaremos nos Sistemas de Recomendação, nos quais é possível projetar as definições acima mencionadas, pois eles existem em *espaços digitais* cuja finalidade é também a observação, funcionalidade e analiticidade dos usuários que estão inseridos nestes. Esta semelhança é potencializada pela capacidade destas novas tecnologias de coletar, armazenar e processar grandes quantidades de dados e informações com a finalidade de delimitar o nosso campo de ação.

1.2.6. Tempo

A segmentação do tempo e a definição de rotinas que estabelecem *o que e como* devemos realizar determinadas ações são aspetos fundamentais para a disciplina. O controle do tempo tem como objetivo assistir os gestos, estabelecer ritmos, ciclos de repetição, e ser uma métrica para perceber se funções específicas estão a ser executadas garantindo a eficiência e a produtividade. Foucault destaca que essas práticas de controle do tempo são fundamentais para o exercício do poder disciplinar. A seguir, discorreremos sobre as características essenciais do que Foucault chama de controle da atividade (*Control of activity*).

Foucault cita o exemplo das comunidades monásticas como a génese da calendarização e definição de uma rotina. Segundo ele, as ordens religiosas foram por séculos maestras da disciplina, pois são *especialistas* na arte de manipular o tempo, de

definir ritmos e regular as atividades cotidianas. Há uma transição importante que destaca como as técnicas que antes foram utilizadas pelas comunidades monásticas e ordens religiosas passam a ser adotadas e refinadas pelas fábricas, escolas, hospitais e na prática militar.

The new disciplines had no difficulty in taking up their place in the old forms; the schools and poorhouses extended the life and the regularity of the monastic communities to which they were often attached. The rigours of the industrial period long retained a religious air; in the seventeenth century, the regulations of the great manufactories laid down the exercises that would divide up the working day. (Foucault, 2019, p.118)

O que antes era mensurado em quartos de hora passa a ser contado em minutos e, posteriormente, em segundos. Assim como vimos que cada detalhe é crucial na gestão dos espaços, essa atenção minuciosa também se aplica ao tempo. A máxima segmentação do tempo não apenas amplia as possibilidades de observação, mas também permite um controle mais rigoroso sobre cada gesto e aspecto da atividade. A qualidade com que o tempo é utilizado torna-se fundamental, estabelecendo a constante supervisão, a pressão incessante de quem supervisiona e a eliminação de quaisquer elementos que possam perturbar ou distrair. Essa precisão temporal é essencial para maximizar a eficiência e garantir que cada momento seja otimizado: “It is a question of constituting a totally useful time.” (Foucault, 2019, p.119)

Foucault discorre sobre alguns aspectos fundamentais para a gestão e controle do tempo. O primeiro deles é *a elaboração temporal do ato (the temporal elaboration of the act)*. Este elemento relaciona-se com a economia dos gestos e movimentos, uma vez que demonstra a importância de uma série de programas que são criados para ajustar e moldar o corpo, para que este execute seus gestos e funções de forma eficiente, útil e produtiva. O conceito de *programa* encerra este fenómeno, sugerindo um conjunto pré-determinado de orientações que moldam o ato em si, gerindo a sua progressão do início ao fim. Neste sentido, o poder já não funciona como uma série de comandos externos, mas como uma estrutura incorporada que penetra no próprio tecido das ações cotidianas.

Esta forma de controle pode ser entendida como um esquema anátomo-cronológico, em que a anatomia (o corpo físico) e a cronologia (a sequência do tempo)

se cruzam para regular o comportamento. O tempo, neste contexto, torna-se uma ferramenta poderosa que se infiltra no corpo, moldando movimentos e decisões a todos os níveis. Os ritmos da vida quotidiana, outrora orgânicos e individuais, são agora condicionados e estruturados por uma rede externa de poder que é simultaneamente invisível e onnipresente. Isto cria uma nova forma de governar e controle em que o próprio tempo atua como uma força controladora, guiando subtilmente as ações dentro de uma sequência meticulosamente organizada.

(...) the general framework for an activity; it is rather a collective and obligatory rhythm, imposed from the outside; it is a 'programme'; it assures the elaboration of the act itself; it controls its development and its stages from the inside. We have passed from a form of injunction that measured or punctuated gestures to a web that constrains them or sustains them throughout their entire succession. A sort of anatomo-chronological schema of behaviour is defined (...) Time penetrates the body and with it all the meticulous controls of power. (Foucault, 2019, p.119)

O aspeto: *a correlação entre o corpo e o gesto (the correlation of the body and the gesture)*, define como todo o conjunto do corpo deve estar em sintonia com o gesto, como cada elemento é fundamental e nada deve ser desperdiçado. O critério de utilidade é imperativo e um corpo disciplinado é um pré-requisito para execução de um gesto de maneira eficiente (Foucault, 2019, p.120). Assim se estabelece uma relação ideal entre cada gesto e a postura do corpo. O corpo disciplinado torna-se um instrumento finamente afinado, onde nenhuma parte é ociosa ou desperdiçada — cada movimento é meticulosamente direcionado para apoiar a ação necessária. Esta abordagem reflete uma forma mais profunda de regulação em que o controle está incorporado na própria utilização do corpo, tornando-o a base para uma gestão eficiente do tempo. Assim, um corpo bem disciplinado não se limita a executar tarefas; incorpora uma estrutura operacional em que cada gesto é calculado, intencional e perfeitamente sincronizado.

Disciplinary control does not consist simply in teaching or imposing a series of particular gestures; it imposes the best relation between a gesture and the overall position of the body, which is its condition of efficiency and speed. In the correct use of the body, which makes possible a correct use of time, nothing must remain idle or useless: everything must be called upon to form the support of the act required. A well-disciplined body forms the operational context of the slightest gesture. (Foucault, 2019, p.120)

A *relação entre o corpo e objeto (the body-object articulation)* também é um aspecto fundamental no processo da disciplina: “Discipline defines each of the relations the body must have with the object that it manipulates.” (Foucault, 2019, p.120) Desta atenção da relação entre corpo e objetivo surge o que Foucault vem a chamar de *Codificação instrumental do corpo (Instrumental coding of the body)* que determina cada elemento do gesto no qual cada parte do corpo deve relacionar-se especificamente com cada parte do objetivo. Isto tem como consequência um *corpo-arma (body-weapon)*, um *corpo-ferramenta (body-tool)* ou até um *corpo-máquina (body-machine)*. (Foucault, 2019, p.121)

O indivíduo disciplinado é aquele que interioriza quais são os gestos, posições e movimentos apropriados para o uso do aparato de produção ou do aparato bélico. O sujeito torna-se indissociável do objeto que domina e, em alguns casos, passa a ser dominado pelo objeto pois tem de se adaptar e se moldar a este para bem utilizá-lo. Aqui também a lógica da docilidade e da utilidade são fundamentais para definir a relação entre corpo e objeto. Em nosso cenário atual, em que o indivíduo não consegue dissociar-se da tecnologia e do âmbito digital, uma série de fatores nos leva a *normalizar* o uso de ferramentas como computadores, tablets e smartphones e o fluxo normal da vida é praticamente impossibilitado sem o uso destes. Há também uma grande preocupação em como se desenvolvem estas ferramentas para deixar-nos mais dependentes destas e nosso corpo acaba por se adaptar ao ritmo e tempo ditado por elas.

Na sociedade contemporânea, os indivíduos são dependentes e estão interligados com a tecnologia e o espaço digital, tornando quase impossível sobreviver e ser funcional sem dispositivos como computadores, tablets e smartphones. A normalização destas ferramentas é impulsionada por fatores como a conveniência, a conectividade e as exigências da vida moderna. À medida que a tecnologia se torna parte integrante das rotinas quotidianas, molda não só a forma como interagimos com o mundo, mas também a forma como os nossos corpos se adaptam aos seus ritmos. As ferramentas são cada vez mais concebidas para captar a atenção e promover a dependência, uma vez que os algoritmos e as interfaces são adaptados para manter os utilizadores

envolvidos. Esta dependência vai para além da mera utilização; reestrutura os hábitos do corpo, adaptando-se ao ritmo digital e aos ciclos impostos pela tecnologia. As preocupações aumentam à medida que a autonomia dos indivíduos diminui e o corpo se torna um componente facilmente manipulável dentro do cenário da tecnológica, alinhando-se com o ritmo estabelecido pelo espaço e ferramentas digitais.

1.2.7. A silenciosa vigilância, o acúmulo de documentos e o poder que produz realidades

O poder disciplinar é silencioso e está longe dos excessos, i. e., este não precisa de um espetáculo como os grandes castigos e torturas, tal como o que é apresentado no início de *Vigiar e Punir*. Enquanto no período monárquico os grandes soberanos apelavam para os rituais e demonstrações de grandes aparatos de poder, a *disciplina* está focada nos detalhes, na segmentação (no indivíduo, nos gestos, nos segundos), nos procedimentos. A primeira manifestação de poder é repressiva e esta última é multiplicadora, incentiva a criação de discursos, observação, exercícios, métodos, instrumentos e técnicas para definir o que deve ser recompensado e tacitamente considerado como normal. A primeira manifestação também é linear e vertical, a segunda é capilar e se espalha para os lados, para cima e para baixo.

Discipline 'makes' individuals; it is the specific technique of a power that regards individuals both as objects and as instruments of its exercise. It is not a triumphant power, which because of its own excess can pride itself on its omnipotence; it is a modest, suspicious power, which functions as a calculated, but permanent economy. These are humble modalities, minor procedures. (Foucault, 2019, p.134)

Após apresentar os aspetos da *disciplina* Foucault define alguns elementos que são fundamentais para o sucesso do poder disciplinar. Estes elementos são: *supervisão hierárquica (hierarchical observation)*; o *juízo normalizador (normalizing judgement)* e a *examinação (the examination)* que combina as duas técnicas anteriores.

A observação hierárquica é um mecanismo que busca maximizar a visibilidade que temos dos indivíduos, e quanto mais vias tivermos para supervisionar, melhor. O ideal é também que os olhos que veem não sejam vistos, que quem observa consiga o fazer sem ser notado. Segundo Foucault um aparato de *visibilidade total (general*

visibility) é fundamental pois neste multiplicam-se as técnicas que tornam possível o ato de *vigiar*, supervisionar e observar:

The exercise of discipline presupposes a mechanism that coerces by means of observation; an apparatus in which the techniques that make it possible to see induce effects of power, and in which, conversely, the means of coercion make those on whom they are applied clearly visible. (Foucault, 2019, p.134)

Foucault cita alguns exemplos do que ele chama de *observatórios* (*observatories*) e o seu desenvolvimento durante a história. Segundo ele, o campo militar, os hospitais, asilos, prisões e escolas utilizam do desenho do espaço para potencializar a supervisão. A arquitetura desses espaços deixa de ser dedicada a pura aparência e passa a ter como principal critério a promoção do controlo e do poder disciplinar através da visibilidade.

(...) an architecture that would operate to transform individuals: to act on those it shelters, to provide a hold on their conduct, to carry the effects of power right to them, to make it possible to know them, to alter them. Stones can make people docile and knowable. (Foucault, 2019, p.135)

Os hospitais passam a ser *instrumentos da ação médica* (*instrument of medical action*). Observar, diagnosticar, segmentar e definir onde e qual será o melhor tratamento é facilitado pelo desenho do espaço. As escolas e seus espaços tornam-se mecanismos dedicados ao treino (*training mechanism*), suas salas e corredores dividem e definem claramente o espaço que cada posição hierárquica ocupa, e até as portas das casas de banho devem ser projetadas na medida que permitiam a observação dos pés e da cabeça de quem a usava. A observação deve ser total e o comportamento não permitido deve ser punido. O indivíduo torna-se um objeto de observação e manipulação, a docilidade é incentivada e a disciplina garantida através das inúmeras técnicas de conduzir e alterar o comportamento que foge de uma norma estabelecida. Como citamos acima, cada pedra é rigorosamente assentada para formar um aparato e mecanismo que potencializará a docilização e a observação dos indivíduos que ocuparão este espaço.

This infinitely scrupulous concern with surveillance is expressed in the architecture by innumerable petty mechanisms. These mechanisms can only be seen as unimportant if one forgets the role of this instrumentation, minor but flawless, in the progressive objectification and the ever more subtle partitioning of individual behaviour. (Foucault, 2019, p.136)

O aparato disciplinar perfeito é considerado como um *microscópio da conduta* (*microscope of conduct*), pois permite que cada gesto seja constantemente observado e registado para futura análise. Desta análise temos a alocação dos indivíduos, os quais serão distribuídos em posições melhores se seus gestos e ações forem úteis, precisos e colaborem com a norma e realização de uma finalidade estabelecida. Ou serão alocados em posições piores (punidos) para serem corrigidos, adestrados a executar com precisão e eficiência o que se espera. A observação e o espaço que a potencializa são fundamentais. “The perfect disciplinary apparatus would make it possible for a single gaze to see everything constantly (...)” (Foucault, 2019, p.137)

O espaço funcional com uma hierarquia estabelecida, projetado para maximizar a observação é onde o poder disciplinar se manifesta com maior eficiência. Vigiar e observar formam um sistema integrado com o poder disciplinar (Foucault, 2019, p.139), o *fazer indivíduos*³⁵ de acordo com finalidades estabelecidas é o principal propósito destes sistemas.

É também importante destacar que a observação hierárquica explicita que o poder disciplinar não é algo a ser possuído ou que pode ser transferido como uma propriedade, mas sim é o resultado de toda a organização que compõem uma complexa rede de relações e maquinaria (Foucault, 2019, p.139). Cada indivíduo e seus gestos, cada segundo a ser observado e registado formam esta complexa rede de relações de poder, não havendo mais um poder centralizado e vertical mas, antes, um poder que se manifesta, concretiza e emerge de todos os lados.

This enables the disciplinary power to be both absolutely indiscreet, since it is everywhere and always alert, since by its very principle it leaves no zone of shade and constantly supervises the very individuals who are entrusted with the task of supervising; and absolutely ‘discreet’, for it functions permanently and largely in silence. (Foucault, 2019, p.139)

Outro instrumento tão importante quanto a observação é a *normalização* (*normalization*). Ao estabelecer uma norma também se estabelece um parâmetro que define, de forma silenciosa, quais são os comportamentos que devem ser recompensados e quais não. Ao contrário das leis, as normas funcionam de uma maneira

³⁵ Como citamos acima: “Discipline ‘makes’ individuals; it is the specific technique of a power that regards individuals both as objects and as instruments of its exercise.” (Foucault, 2019, p.134)

implícita, são de certa forma informalmente definidas a partir das interações sociais e acabam por exercer uma grande influência em como agimos, pensamos e nos comportamos. Nesta distinção do que é *normal* e do que escapa disso, temos a possibilidade das *micro-penalidades (micro-penalty)*. Estas corrigem os mais variados aspetos da vida e conduta, aspetos que como dissemos estão para além do que a lei define.

The workshop, the school, the army were subject to a whole micro-penalty of time (latenesses, absences, interruptions of tasks), of activity (inattention, negligence, lack of zeal), of behaviour (impoliteness, disobedience), of speech (idle chatter, insolence), of the body ('incorrect' attitudes, irregular gestures, lack of cleanliness), of sexuality (impurity, indecency). (Foucault, 2019, p.140)

Por estarem inseridos em um espaço funcional, onde a visibilidade geral é um imperativo, nada escapa aos olhos de quem também tem o poder de punir e, também, de quem está ao lado e internalizou as normas. Todo comportamento que escape, mesmo que seja da maneira mais sutil, do que foi estabelecido como norma é punido sutilmente. Isto gera em cada indivíduo o sentimento de estar inserido em um sistema de *punição universal (punishing universality)*, onde absolutamente tudo é vigiado e passível de punição (Foucault, 2019, p.140). Isto reforça o quanto a definição de poder de Foucault vai para além da proposta repressiva, pois aqui há uma tentativa de estabelecer e multiplicar o discurso e prática sobre o que é normal, não se limitando apenas ao cumprimento das regras. A intenção é regular formalmente e informalmente cada detalhe e espeto da vida, elaborar um sistema que promova a prática constante das normas através da observação geral e das micro-punições. Ser diferente do que é considerado normal causa medo e desconforto, o próprio indivíduo vira o principal mecanismo de disciplinar a si mesmo e os outros que estão ao redor. Há o constante julgamento do que se encaixa e do que foge da norma. Assim o poder disciplinar é configurado e mantido de forma “automática”, sem precisar de uma punição que parte de um superior, de alguém estabelecido pelo sistema, apenas a consciência das consequências de fugir à norma ou a pressão social de estar fora desta sustentam toda um sistema de poder disciplinar.

Normalizar é este processo onde a disciplina se torna correctiva através da observação total e da punição universal, e qualquer desvio ou possibilidade deste será

penalizado. “The perpetual penalty that traverses all points and supervises every instant in the disciplinary institutions compares, differentiates, hierarchizes, homogenizes, excludes. In short, it normalizes.” (Foucault, 2019, p.144)

Uma vez que se estabelece o que é normal e todo um sistema para recompensar e punir as ações dos indivíduos que estão sob esta *normalização*, temos a possibilidade de comparar um indivíduo ao outro seguindo um parâmetro, um padrão binário de segmentação e diferenciação (o bom do mau, o saudável do doente, o criminoso do bom homem, o lúcido do louco). Esta segmentação afetará o grupo, pois cada indivíduo pode comparar-se a quem está ao lado e ao todo, cada indivíduo pode tomar como ponto de referência a atitude do grupo para sustentar o que é normal e o que não é. Haverá uma pressão das normas coletivas de si sobre “si mesmo” por forma a integrar-se e ser aceite, reconhecido.

(...) it refers individual actions to a whole that is at once a field of comparison, a space of differentiation and the principle of a rule to be followed. It differentiates individuals from one another, in terms of the following overall rule: that the rule be made to function as a minimal threshold, as an average to be respected or as an optimum towards which one must move. (Foucault, 2019, p.144)

A norma suportada pela maioria do grupo é sustentada por todo um aparato que mensura, hierarquiza e estabelece quais são os valores que cada indivíduo deve seguir. A fronteira entre o normal e o anormal é definida e o campo das ações terá mais um fator que o delimita, o fator de comparação do indivíduo em relação ao grupo. O indivíduo passa a ser julgado em relação ao grupo, suas ações e comportamentos devem ser vigiados e punidos não por um superior hierárquico, mas por todos e inclusive por si mesmo, comparando-se aos outros e evitando ultrapassar as claras fronteiras do normal criadas pelo poder disciplinar. O indivíduo internaliza a função de quem vigia, ele mesmo a cada ação vai se interrogar devido a esta constante pressão para se conformar à norma, ao grupo. Assim a norma se torna, também, um dos maiores instrumentos de poder (Foucault, 2019, p.145).

Foucault vem a chamar de *examinação* (*the examination*) a combinação das duas técnicas citadas acima (observação hierárquica e normalização). A *examinação*, fundamental para os procedimentos disciplinares, é definida como: “A normalizing gaze, a surveillance that makes it possible to qualify, to classify and to punish.” (Foucault,

2019, p.145) Ao mesclar a observação com o objetivo de hierarquizar, classificar e normalizar, é possível desenvolver um aparato que dociliza, subjuga e reifica os indivíduos. Foucault define que é na examinação que a relação de poder e saber se manifesta e contribui para o poder disciplinar ser exercido: “The examination introduced a whole mechanism that linked to a certain type of the formation of knowledge a certain form of the exercise of power.” (Foucault, 2019, p.147)

A examinação compreende três parâmetros essenciais. O primeiro deles é que esta transformou *a economia da visibilidade em exercício de poder* (*the examination transformed the economy of visibility into the exercise of power*). Foucault retoma um exemplo citado anteriormente no qual ele diz que, tradicionalmente, o poder era algo relacionado com o espetáculo, que se manifestava através das execuções públicas e do uso manifesto da força. Aqueles que eram alvo deste poder acabavam por ser secundários neste processo, ou seja, não se conhecia muito sobre o torturado. O poder disciplinar, por sua vez, é silencioso e, como vimos, antes, idealmente discreto, invisível, atuando na consciência dos indivíduos com a sensação de estarem a ser constantemente observados. Esta visibilidade e possibilidade da observação total é que permite o exercício do poder através dos procedimentos disciplinares.

Disciplinary power (...) is exercised through its invisibility; at the same time it imposes on those whom it subjects a principle of compulsory visibility. In discipline, it is the subjects who have to be seen. Their visibility assures the hold of the power that is exercised over them. It is the fact of being constantly seen, of being able always to be seen, that maintains the disciplined individual in his subjection. (Foucault, 2019, p.147)

A examinação é a técnica que, através do uso da silenciosa e constante observação, acaba por configurar um *mecanismo de reificação* (*mechanism of objectification*). O objetivo aqui é observar, coletar informações e determinar o lugar adequado desses *indivíduos-objetos*. Uma nova era configura-se a partir da vigilância de todos os gestos e manifestações.

In this space of domination, disciplinary power manifests its potency, essentially, by arranging objects. The examination is, as it were, the ceremony of this objectification. (...) And it is this inversion of visibility in the functioning of the disciplines that was to assure the exercise of power even in its lowest manifestations. We are entering the age of the infinite examination and of compulsory objectification. (Foucault, 2019, p.149)

A examinação implica, igualmente, uma dimensão de arquivo. Esta técnica acumula documentos e forma dossiês sobre cada indivíduo, regista os gestos, os exercícios e o comportamento, e o documento é instrumento para fragmentar e definir cada evento da história individual, para ampliar o alcance dos olhos e da memória. “The examination that places individuals in a field of surveillance also situates them in a network of writing; it engages them in a whole mass of documents that capture and fix them.” (Foucault, 2019, p.149) Os procedimentos de examinação são acompanhados por todo um sistema de registo de dados e informações, o *poder da escrita* (*power of writing*) é um mecanismo fundamental para o poder disciplinar.

A possibilidade desse acúmulo de informações potencializa a tomada de decisões e controlo. Cada indivíduo possui um *dossiê*, no qual se pode verificar de forma cronológica o que foi feito, quais espaços foram frequentados, quais funções foram desempenhadas em determinada hierarquia, etc. A questão da normalização também é potencializada com este registo e acúmulo de informações, pois é possível comparar indivíduos e grupos em relação às normas estabelecidas, assim como identificar quem são os transgressores que estão para além da norma e corrigi-los.

Cada indivíduo se torna um caso específico e pode ser medido, julgado e comparado com outros. Dependendo dos registos que há acerca da conduta de um indivíduo é possível decidir se este será encaminhado para o treino, para a correção, normalização ou até exclusão (Foucault, 2019, p.151). As decisões são sempre tomadas a partir da interpretação do seu *dossiê*. O acúmulo de informações, o poder que emana da escrita e do registo são os principais elementos que propiciam a observação total, que estabelecem o processo de objetificação e subjugação dos indivíduos (Foucault, 2019, p.151).

Quanto mais conhecimento se produz acerca de um indivíduo maior é a facilidade de se exercer poder sobre este. O grande trunfo da examinação é esta mescla entre a supervisão hierárquica e a normalização, sua consequência: transformar os indivíduos em efeito e objeto do poder.

(...) the examination is at the centre of the procedures that constitute the individual as effect and object of power, as effect and object of knowledge. It is the examination which, by combining hierarchical surveillance and normalizing judgement, assures the great disciplinary functions (...) (Foucault, 2019, p.151).

A abertura do corpo como novo meio no qual a história se inscreve, a observação, supervisão e acúmulo de relatórios e documentos tornam possível o desenvolvimento de técnicas que moldam e definem o campo da ação dos indivíduos. O poder não é mais algo repressivo — no sentido de que não exclui, censura e abstrai. O poder é, agora, algo que produz e que multiplica discursos, documentos, arquivos e técnicas que vão silenciosamente definir *o que somos* em um espaço e *o que fazemos* em determinado tempo. “In fact, power produces; it produces reality; it produces domains of objects and ritual of truth. The individual and the knowledge that may be gained of him belong to this production.” (Foucault, 2019, p.153)

1.2.8. O Panóptico

O Panóptico é o um espaço projetado idealmente para estabelecer a visibilidade total e, conseqüentemente, controlar, dividir, examinar, distribuir e criar realidades. O poder disciplinar realiza-se de forma total neste mecanismo. Este espaço permite que todos os detalhes sejam observados, assegurando que nada escape da norma. O poder penetra em todos os aspetos da vida cotidiana e a determina.

(...) the penetration of regulation into even the smallest details of everyday life through the mediation of the complete hierarchy that assured the capillary functioning of power; not masks that were put on and taken off, but the assignment to each individual of his ‘true’ name, his ‘true’ place, his ‘true’ body, his ‘true’ disease. (Foucault, 2019, p.155)

O Panóptico também serve como um sistema de categorização e distribuição dos indivíduos que estão neste. Ao diferenciar os indivíduos em várias classificações, as autoridades podem adaptar as suas abordagens ao castigo e à reabilitação. Esta estratificação permite a implementação de medidas disciplinares variadas, possibilitando uma compreensão específica da forma como diferentes indivíduos respondem aos diferentes aspetos da docilização e do poder disciplinar.

Foucault considera que este espaço possibilita a experimentação e modificação do comportamento dos indivíduos. A capacidade de experimentar diversas formas de punição promove um ambiente em que as autoridades podem gerar um universo

documental, analisar os resultados e aperfeiçoar as suas estratégias. Esta estrutura experimental leva Foucault a considerar que o Panóptico é como um *laboratório de poder* (*laboratory of power*). Neste espaço até indivíduos que são responsáveis por exercer o poder também são observados, e é necessário calibrar o comportamento até daqueles que vigiam e punem.

The Panopticon functions as a kind of laboratory of power. Thanks to its mechanisms of observation, it gains in efficiency and in the ability to penetrate into men's behaviour; knowledge follows the advances of power, discovering new objects of knowledge over all the surfaces on which power is exercised. (Foucault, 2019, p.203)

Este espaço também é considerado por Foucault como um mecanismo que cria e permite manter relações de poder. O mais importante é perceber que o estabelecimento e a manutenção destas relações passam a ser impessoais e de certa forma automáticas, pois uma vez que o indivíduo está inserido em um espaço que demonstra um esquema de visibilidade total, ele acaba por interiorizar este esquema. Este indivíduo pode não estar a ser observado, mas agirá como se estivesse e ele mesmo será o protagonista do poder, ele mesmo fará com que a norma se aplique, o poder se espalhe e se mantenha. Ele mesmo será o elemento que vigia a si mesmo e ao outro, sempre com a norma como critério.

(...) that this architectural apparatus should be a machine for creating and sustaining a power relation independent of the person who exercises it; in short, that the inmates should be caught up in a power situation of which they are themselves the bearers. (Foucault, 2019, p.200)

Um dos principais objetivos do panóptico é fazer com que o indivíduo que esteja inserido neste espaço desenvolva a consciência de que está sob constante observação, e quando isto ocorre temos o que Foucault chama de *funcionamento automático do poder* (*automatic functioning of power*).

O conceito de panóptico sugere que a eficiência e a relação custo-benefício de uma prisão resultam da manipulação psicológica dos reclusos e não da coerção física explícita. Esta mudança de paradigma sublinha uma transformação fundamental nos mecanismos de controlo dos estabelecimentos prisionais. Ao contrário dos modelos tradicionais, que exigem todo um aparato de intimidação e demonstrações públicas de punição, o panóptico está baseado no desenvolvimento de um espaço que produz um

sentimento constante de vigilância. Esta observação silenciosa promove a autorregulação e a adequação às normas estipuladas, transformando assim a dinâmica do poder em algo que foge do esquema repressivo.

Foucault chama este esquema de *inversão funcional das disciplinas* (*functional inversion of disciplines*), esquema que define o papel das instituições como produtoras e multiplicadoras dos fenómenos sociais ao invés de repressoras destes. Assim a disciplina e a constante observação não cuidam apenas dos desvios, do que escapa à norma e deve ser corrigido, mas também prolifera uma série de práticas positivas que modificam a moral, o uso do corpo e dos objetos, a identidade: “The disciplines function increasingly as techniques for making useful individuals. Hence their emergence from a marginal position on the confines of society, and detachment from the forms of exclusion or expiation, confinement or retreat.” (Foucault, 2019, p.210)

Podemos também projetar este mecanismo do Panóptico nas relações sociais e em toda a dinâmica do poder existente entre estas. Tanto uma prisão como também outras instituições e o Estado podem se valer da silenciosa vigilância para docilizar e disciplinar os indivíduos, para automatizar o exercício do poder e o estabelecimento das relações neste. Foucault vem a chamar de *ramificação dos mecanismos disciplinares* (*swarming of disciplinary mechanisms*) neste processo no qual podemos identificar uma sinergia existente entre diferentes instituições para manter o poder disciplinar sobre os indivíduos, havendo assim uma série de espaços de observação que agem em conjunto para moldar o indivíduo e determinar suas ações na medida que estas sejam produtivas, úteis. Foucault cita a prática de grupos religiosos para ilustrar como esse poder disciplinar se ramifica e se espalha pela sociedade.

They will also have to make individual visits to the poor; and the information to be obtained is laid down in regulations: the stability of the lodging, knowledge of prayers, attendance at the sacraments, knowledge of a trade, morality (and ‘whether they have not fallen into poverty through their own fault’); lastly, ‘one must learn by skillful questioning in what way they behave at home. (Foucault, 2019, p.211)

Esta possibilidade da observação constante sem a necessidade de uma autoridade central faz com que o Panóptico seja um mecanismo que promove a autorregulação entre os indivíduos, e o poder disciplinar torna-se descentralizado e distribuído entre

todos os elementos que o compõem. Um dos principais trunfos deste mecanismo é o fato dos indivíduos interiorizarem as normas e sustentarem este mecanismo disciplinar. Isto faz com que a ordem social não se torne apenas uma imposição que deriva de um monarca, mas um aspecto intrínseco à interação social.

Em conclusão, a adoção dos princípios do panóptico permite uma distribuição do poder na malha social, minimizando a dependência das autoridades. A malha social passa a sustentar os próprios mecanismos que definem a conduta ideal a ser seguida, as normas passam a ter em si o que estes sistemas disciplinares consideram como úteis e ideias. Os mecanismos que nos observam, coletam nossos dados e definem nossas ações são multiplicados na medida que nos tornamos objetos e agentes do poder.

He who is subjected to a field of visibility, and who knows it, assumes responsibility for the constraints of power; he makes them play spontaneously upon himself; he inscribes in himself the power relation in which he simultaneously plays both roles; he becomes the principle of his own subjection. By this very fact, the external power may throw off its physical weight; it tends to the non-corporal; and, the more it approaches this limit, the more constant, profound and permanent are its effects: it is a perpetual victory that avoids any physical confrontation and which is always decided in advance. (Foucault, 2019, p.202)

1.3. A terceira Fase - Foucault, o corpo e a ética

Anteriormente discutimos sobre como Foucault reconhece na genealogia uma metodologia que torna possível a abertura da filosofia ao contingente, permitindo assim que façamos uso da história e outras áreas do saber como via para a busca das origens e o desvelar das dinâmicas de poder que fazem emergir e emergem das instituições, leis, códigos de conduta, normas etc. Nos próximos parágrafos temos como objetivo apresentar como tal abertura influencia o filósofo francês a desenvolver uma nova perspectiva para investigar a ética e a política para além da metafísica, da universalidade e da teleologia. Em sua última fase há uma constante tentativa em Foucault de estudar o domínio da sexualidade, a dinâmica dos desejos e suas práticas, discursos e limitações como participantes do processo pelo qual nós nos formamos enquanto sujeitos. (Foucault, 1982, p. 778)

Bernauer e Mahon, autores do *The Ethics of Michel Foucault* (1994) ajudam-nos a perceber como o método genealógico e a análise histórica são fundamentais para o filósofo francês desenvolver sua teoria ética. Os autores utilizam o primeiro (*An Introduction*) e segundo volume (*The Use of Pleasure*) da obra *History of Sexuality* para demonstrar como Foucault relaciona a ética e a formação do sujeito (*ethic of self-formation*), pois é na introdução deste último volume que Foucault define a ética como um componente que influencia na emergência da subjetividade, que faz parte do processo no qual um indivíduo define os limites da sua vida prática e adota um conjunto de ações, um modo de ser.

“[...] self-formation as an “ethical subject”, a process in which the individual delimits that part of himself that will form the object of his moral practice, defines his position relative to the precept he will follow, and decides on a certain mode of being that will serve as his moral goal. And this requires him to act upon himself, to monitor, test, improve, and transform himself.” (Foucault, 1985, p. 28)

Foucault ao fazer uma análise genealógica da sexualidade e dos desejos acaba, também, por fazer uma história da ética desde o período clássico grego, passando pelos primórdios do cristianismo e indo até a modernidade, expondo como ela é composta por uma série de práticas e técnicas que afetam a maneira pela qual um indivíduo forma sua subjetividade, plasma a si mesmo e conseqüentemente modifica seu agir tanto na

esfera privada quanto no campo político.³⁶ O corpo e a história de como lidamos com ele e seus impulsos é um dos fios condutores para Foucault investigar estas forças que definem as técnicas e práticas citadas acima.³⁷

No volume *The Use of Pleasure* Foucault discorre sobre como os filósofos gregos do Século IV a.C problematizam a atividade sexual e delimitam o uso dos prazeres. Neste contexto encontramos uma série de textos que foram elaborados com o propósito de dar conselhos, opiniões e estipular métricas e regras ao uso dos prazeres. São textos que, segundo o filósofo Francês, podemos chamar de *textos práticos* (*practical texts*).³⁸ Tais escritos são práticos na medida que formam a origem do que Foucault vem a chamar de *technologies of the self*, técnicas estas que estão atreladas com o mais importante princípio moral da antiguidade: o “cuidado de si”.³⁹

Este princípio moral é importante para Foucault pois demonstra como desde este período há uma preocupação com o agir sobre si mesmo, com o monitorar as próprias ações, testar diferentes modos de conduta e, conseqüentemente, melhorar a si mesmo. Encontramos no quarto capítulo da primeira parte do *The Use of Pleasures* alguns exemplos dos *textos práticos* e a definição do que é *enkrateia* (controle ou poder sobre si mesmo, antônimo de *akrasia*). Foucault expõe que tanto para Platão, Xenofonte, Diógenes, Antifonte e Aristóteles há uma preocupação constante com a gestão dos desejos e prazeres, com o controle e domínio de si.⁴⁰ Este estado de controle sobre si, no âmbito privado significa também um preparo para a vida política, pois ter

³⁶ “And finally, a history of the way in which individuals are urged to constitute themselves as subjects of moral conduct would be concerned with the models proposed for setting up and developing relationships with the self, for self-reflection, self-knowledge, self-examination, for the decipherment of the self by oneself, for the transformations that one seeks to accomplish with oneself as object. This last is what might be called a history of “ethics”.” (Foucault, 1985, p. 29)

³⁷ “[...] the purpose of the present study is in fact to show how deployments of power are directly connected to the body – to bodies, functions, physiological processes, sensations, and pleasures.” (Foucault, 1978, p. 151)

³⁸ “These texts thus served as functional devices that would enable individuals to question their own conduct, to watch over and give shape to it, and to shape themselves as ethical subjects.” (Foucault, 1985, p. 13)

³⁹ “The precept “to be concerned with oneself” was, for the Greeks, one of the main principles of cities, one of the main rules for social and personal conduct and for the art of life”. (Foucault, 1988, p. 19)

⁴⁰ “This is shown by the terms that are use – whether in Plato, Xenophon, Diogenes, Antiphon, or Aristotle – to define moderation: “rule the desires and the pleasures,” “exercise power over them,” “govern them” (kratein, archein).” (Foucault, 1985, p. 70)

poder sobre si é um pré-requisito para exercer poder sobre os outros, colocar em ordem o que está dentro é condição suficiente para ordenar o que está fora.

Este conjunto de *textos práticos* formavam o fundamento de códigos éticos e morais que regulavam as ações dos indivíduos e, conseqüentemente, definiam a formação das suas subjetividades. Com o passar do tempo aumentou a influência dos códigos de conduta (principalmente os relacionados ao cristianismo, seus dogmas e suas técnicas), de livros que definiam o que seria o bem agir. Tais livros passaram a ser mecanismos que normatizavam a vida, que restringiam o pensar e o agir a partir de regras de conduta e da auto-observação, auto escrutínio, e nestes textos estavam as técnicas que estabelecem as fronteiras para o nosso agir e poderiam ser utilizadas como aparatos para o exercício e estabelecimento de relações de poder. Fato que, segundo Foucault, pode ser negativo, uma vez que reduz a autonomia e restringe a liberdade daqueles que se veem submetidos ou até subjugados por estes.

Foucault argumentou que as *tecnologias do eu* (*technologies of self*) são utilizadas para manipular os indivíduos e ajudam a estabelecer mecanismo para exercer poder sobre estes, criando normas que ditam como as pessoas se devem comportar, pensar e sentir. Esta dinâmica de poder promove um aparelho de normalização, em que os indivíduos interiorizam as expectativas da sociedade e, em um processo disciplinar, se enquadram nessas normas. Através da vigilância, da autocensura e da confissão, as pessoas são influenciadas a conformar-se, tornando-se, em última análise, cúmplices da sua própria regulação. Foucault denuncia esta utilização das *tecnologias de eu* como meio de controle, uma vez que coage sutilmente os indivíduos a adotarem identidades e comportamentos prescritos, retirando a autonomia. Ao interiorizar estruturas de poder externas, os indivíduos participam inconscientemente na sua própria subjugação, reforçando a norma e o controle. Assim, as *tecnologias do eu* tornam-se ferramentas de manipulação, uma vez que moldam as ações e os pensamentos dos indivíduos para que se alinhem com os interesses dos que estão no poder, perpetuando um ciclo de controle e normalização.

Segundo Foucault a tradição filosófica do Iluminismo tentou incessantemente estabelecer uma noção de natureza humana e derivar desta um critério universal para

nossos juízos morais. Resumidamente, o Iluminismo priorizou o aspecto racional da natureza humana, e definiu que nós temos de fazer uso da racionalidade como um critério para se fazer ciência, filosofia, ética etc. Foucault diagnostica que o projeto iluminista e toda a importância que depositavam na faculdade racional tornou possível que diversas instituições enquanto, digamos, aparelhos ideológicos do Estado fundamentassem suas práticas políticas de controle sobre os mais variados aspectos da vida humana (*biopower*) e formassem um *aparato de normalização* (*apparatus of normalisation*) (Bernauer & Mahon, 1994, p. 143). Fato que, segundo ele, pode representar uma ameaça e limitação à liberdade, uma cristalização das possibilidades e autonomia de um indivíduo ou de determinados grupos.

A genealogia e todo o aparato que sustenta o poder disciplinar que citamos nos capítulos anteriores podem ser associados com o projeto da *História da Sexualidade* de Foucault. Esta fase permite o desenvolvimento de uma metodologia que prioriza a análise das relações de poder que fundamentam e dão origem às instituições e às suas normas e que, segundo o autor, são falsamente tomadas como necessárias e universais.

(...) the objective is to analyze a certain form of knowledge regarding sex, not in term of repression or law, but in terms of power [...] power must be understood in the first instance as the multiplicity of force relations immanent in the sphere in which they operate and which constitute their own organization; as the process which, through ceaseless struggles and confrontations, transforms, strengthens, or reverses them (...) (Foucault, 1978, p. 92)

Na base de todo aparato de normalização há uma atenção extrema aos mínimos detalhes do espaço, do corpo e do uso dos objetos, bem como uma série de discursos, de interesses, de jogos de poder e contingências que vão emergir não de uma natureza, mas sim de uma estratégia. Foucault expõe estas variáveis e denuncia os sistemas que pretendem se estabelecer a partir destes critérios de natureza e necessidade.

Esta análise do jogo de forças e poder que atravessam todas as dimensões da vida e que influenciam na conduta e formação de um sujeito permite Foucault fazer um

diagnóstico sobre algumas instituições que utilizam tais técnicas (citadas nos parágrafos acima) para exercer poder delimitando o campo de ação e possibilidades individuais.⁴¹

Em suas obras encontramos exemplos de instituições que estabeleciam determinadas configurações de poder com o intuito de definir qual conduta é lícita e qual é ilícita. Segundo o filósofo francês, podemos encontrar em discursos do século XVIII três códigos de conduta dominantes — lei canônica, lei civil e os dogmas cristãos — que determinavam os limites do lícito e ilícito.⁴² Havia regras que serviam propósitos políticos e econômicos com a finalidade de estabelecer os gestos e rotinas ideais, regular o uso dos nossos prazeres e sexualidade. Mecanismos pedagógicos, médicos e judiciais eram utilizados para excluir práticas considerando-as como perversas, como não vinculadas com a procriação.⁴³ Toda esta atenção à sexualidade e ao seu uso eram motivadas neste período pela necessidade de uma população economicamente ativa e produtiva, os quais tinham como ideal estabelecer uma sexualidade economicamente útil e politicamente conservadora.⁴⁴

Quebrar regras matrimoniais, ter práticas sexuais consideradas como aberrantes e até a homossexualidade significava cometer um crime, e tais transgressões eram abordadas judicialmente,⁴⁵ pois configuravam um ataque contra as leis e contra a própria *natureza*. Contra esta normatividade, a ética de Foucault tem suas bases no *cuidado de si*, na importância das variáveis que influenciam na *self-formation* e na liberdade para estabelecer para si mesmo os próprios valores.

⁴¹ “Medical, economic, political and erotic dimensions of life shape the moral experience of the self (...) thus Foucault always presents his notion of self-formation as a struggle for freedom with the confines of a historical situation.” (Bernauer & Mahon, 1994, p. 154)

⁴² “Up to the end of the eighteenth century, three major explicit codes – apart from the customary regularities and constraints of opinion – governed sexual practices: canonical law, the Christian pastoral, and civil law. They determined, each in its own way, the division between licit and illicit.” (Foucault, 1978, p. 37)

⁴³ “Through the various discourses, legal sanctions against minor perversions were multiplied; sexual irregularity was annexed to mental illness; from childhood to old age, a norm of sexual development was defined and all the possible deviations were carefully described; pedagogical controls and medical treatments were organized (...)” (Foucault, 1978, p. 36)

⁴⁴ “All this garrulous attention which has us in a stew over sexuality, is it not motivated by one basic concern: to ensure population, to reproduce labor capacity, to perpetuate the form of social relations: in short, to constitute a sexuality that is economically useful and politically conservative?” (Foucault, 1978, p. 37)

⁴⁵ “(...) the courts, could condemn homosexuality as well as infidelity, marriage without parental consent, or bestiality.” (Foucault, 1978, p. 38)

O conceito de cuidado de si de Michel Foucault refere-se às práticas e técnicas que os indivíduos utilizam para moldar e gerir as suas próprias vidas, identidades e comportamentos. Esta ideia realça o facto de o cuidado de si não dizer respeito apenas ao bem-estar pessoal, mas envolver também uma interação complexa com as normas sociais e estruturas de poder. O indivíduo deve investir na sua formação e esclarecimento para perceber quais normas e estruturas estão a retirar sua autonomia e a forjar a seu corpo, identidade e subjetividade para finalidades políticas e económicas.

Foucault argumenta que, historicamente, o cuidado de si era um aspeto fundamental das práticas filosóficas e éticas das sociedades antigas, como nos *textos práticos* que citamos acima. Filósofos como Sócrates e Epicteto enfatizaram o auto-exame e o desenvolvimento pessoal como fundamentais para viver uma vida virtuosa. No entanto, Foucault defende que, nos tempos modernos, estas práticas foram silenciadas por mecanismos de controlo social. As instituições e as normas moldam a forma como os indivíduos entendem e conduzem o seu cuidado de si, transformando-o num meio de interiorizar as expectativas e normas da sociedade.

A genealogia é fundamental para a fase ética, do *cuidado de si*. Esta metodologia permite ao filósofo francês buscar em diversos períodos históricos a emergência de códigos de conduta, de técnicas que derivam das dinâmicas de poder e delimitam *nosso ser* no âmbito das ações, dos pensamentos e dos desejos. A partir daqui foi possível para Foucault desmascarar as relações de poder, do poder que advém do domínio de certos conhecimentos que estão por trás das normas e códigos de conduta e, assim, dar aos indivíduos a possibilidade da liberdade, da transgressão das dinâmicas de poder que estabelecem limites, que subjugam.⁴⁶ Concluimos que o objetivo de Foucault é libertar-nos de nós mesmos,⁴⁷ pois estamos soterrados por superfícies e camadas (disciplinares, jurídicas, religiosas, éticas, morais, económicas) que regulam os mais diversos aspectos da vida e que tomamos como naturais e necessárias.

⁴⁶ "He [Foucault] seeks to develop not a normative ethics applicable to all, but a particular style that emerges from his own personal history of freedom and thought (...) The elements he derives from earlier periods are integrated into a uniquely personal context (...) Foucault's ethics is the practice of an intellectual freedom that is transgressive of modern knowledge-power-subjectivity relations." (Bernauer & Mahon, 1994, p. 152)

⁴⁷ "(...) enables one to get free of oneself." (Foucault, 1985, p. 8)

Portanto Foucault reconhece na genealogia a possibilidade de trespassar as superfícies metafísicas que limitam o trabalho filosófico e operam uma abertura da filosofia para o corpóreo e contingente. Isto também possibilita a tomada de consciência daquilo que compõe o cenário no qual estamos inseridos e como isto tem consequências em quem somos. Expomos como o filósofo francês identifica quatro conceitos pilares que fundamentam a genealogia nietzscheana e contribuem para superar a superficial maneira de se fazer filosofia, a saber, não há mais uma incessante busca para descobrir uma concepção fixa de natureza humana, uma ética normativa que estipule como devemos ou não agir, uma linear e contínua história. Há sim um direcionamento para aspectos contingentes e descontínuos que se manifestam incessantemente nas dinâmicas de poder das quais emergem leis, códigos de conduta e conceitos. A genealogia, a busca pela *origem* não é mais refém da teleologia, da metafísica e supera a superficialidade de uma perspectiva supra histórica tal como expusemos no primeiro capítulo.

Relacionamos estes pilares com o fazer filosofia de Foucault, com o poder disciplinar e com o *cuidado de si*. Discutimos como na obra *História da Sexualidade* há uma busca pelas origens das dinâmicas de poder que regulam e limitam a sexualidade e o uso dos prazeres, uma busca que está aberta ao corpóreo, ao contingente e descontínuo. Dedicamos atenção em como Foucault busca a origem dos códigos de conduta que regulam o uso dos prazeres e definem o que é lícito e ilícito no âmbito da sexualidade e, conseqüentemente, definem como devemos agir e pensar. Apresentamos também como existem uma série de práticas e técnicas que visam o *cuidado de si* e formação de si e estão relacionadas com o desenvolvimento da nossa subjetividade, com as fronteiras e limites de como agimos e do que somos. Tais técnicas formam um aparato de normalização e podem ser utilizadas em função de dinâmicas de poder (econômicas e políticas) que controlam os mais variados aspectos da nossa vida (biopoder) com a finalidade de moldar os indivíduos, de isolar determinados grupos e destacar outros.

Por fim apresentamos o objetivo de Foucault em visitar genealogicamente diversos períodos históricos para demonstrar como normas, leis e códigos de conduta

têm sua origem em dinâmicas de poder que são contingentes. Foucault, assim, atravessa a superfície que encobria a origem de tais dinâmicas de poder. A partir daqui o filósofo francês possibilita que assumamos uma perspectiva de autonomia e liberdade em relação a normas que engessam nossas possibilidades, que nos libertemos de uma subjetividade que está encoberta por uma miríade de interdições.

Ao considerar que o objeto de sua filosofia é o sujeito⁴⁸ e a história da sua formação, Foucault não exclui seus diagnósticos e questionamentos acerca do poder. Na verdade, ele procura expor como o exercício do poder relaciona-se com a formação da subjetividade e com a delimitação das possibilidades, ações, desejos e comportamentos.

Nas três fases citadas acima podemos identificar uma tentativa de Foucault em identificar as vias pelas quais relações de poder estabelecem-se, afastando-se de uma leitura que centraliza o exercício do poder (aquele que emana de um soberano) e aproximando-se de uma análise do poder exercido por inúmeras práticas, técnicas e discursos que permeiam a vida cotidiana.

Um dos motivos que conduziu Foucault ao estudo do poder é o fato deste servir de forma sutil e implícita aos excessos da racionalidade. Com a finalidade de buscar uma solução para tais excessos, o filósofo francês define que uma das principais funções da filosofia é assistir e supervisionar o uso desmedido da racionalidade e sua relação com o exercício do poder, pois de acordo com o este pensador podemos identificar no advento do Estado Moderno e da gestão política da sociedade consequências brutais do exercício do poder impregnado pelos excessos da racionalização (Fascismo, Stalinismo, campos de concentração e extermínio etc.).

A perspectiva assumida por Foucault para investigar os excessos da racionalização e do poder tem como objetivo identificar os processos e as diferentes áreas nas quais estes atuam e manifestam-se. Ele faz uso de uma multidisciplinaridade para penetrar nas mais diversas áreas pelas quais o poder é exercido, desde a história e da genealogia

⁴⁸ "(...) it is not power but the subject which is the general theme of my research." (Foucault, 1982, p. 778)

até o estudo minucioso sobre o aparato jurídico, sobre as clínicas e hospitais, sobre a sexualidade e os desejos.⁴⁹

Foucault não dirige seus esforços para atacar e problematizar o uso do poder que determinada instituição, grupo, elite ou classe faz.⁵⁰ O poder que interessa a Foucault é o que se manifesta em todos os aspetos da vida e categoriza os indivíduos, que marca a sua individualidade e os inscrevem em sua própria identidade, que impõe um discurso verdadeiro a partir do qual este indivíduo tem de se reconhecer e reconhecer os outros.

⁴⁹ "It may be wise not to take as a whole the rationalization of society or of culture but to analyze such a process in several fields, each with reference to a fundamental experience: madness, illness, death, crime, sexuality, and so forth (...) What we have to do is analyze specific rationalities rather than always invoke the progress of rationalization in general." (Foucault, 1982, p. 780)

⁵⁰ "(...) attack not so much "such or such" an institution of power, or group, or elite, or class but rather a technique, a form of power." (Foucault, 1982, p. 781)

2. O poder, o governar e economia dos desejos

2.1. O poder e o governar

Na seção que discorreremos sobre o método genealógico e o poder disciplinar, vimos como Foucault considera o poder como um fenómeno complexo e relacional e não como um mero instrumento de repressão exercido pelas autoridades. Citamos que o poder não é uma entidade a ser possuída; em vez disso, é exercido de forma dinâmica através das relações. Em *The Subject and Power* (1982) Foucault define que o exercício e as relações de poder ocorrem na medida que certas ações, sejam elas entre indivíduos ou grupos, modificam as ações de outros indivíduos ou grupos. Assim o poder para Foucault é relacional e só existe no âmbito da ação “The exercise of power is (...) a way in which certain actions modify others (...) Power exists only when it is put into action.” (Foucault, 1982, p. 788)

O exercício do poder neste contexto não parte da pura imposição hierárquica e verticalizada, mas sim de uma interação complexa que silenciosamente direciona os indivíduos para determinados tipos de comportamento. O poder atua como um facilitador ou inibidor de ações, criando assim espaços e discursos em que certas ações e costumes são tratados como normais, ou melhor, normalizados, enquanto outros são marginalizados. O exercício de poder assim requer a participação de toda uma complexa maquinaria e estrutura.

The exercise of power is (...) a total structure of actions brought to bear upon possible actions; it incites, it induces, it seduces, it makes easier or more difficult; in the extreme it constrains or forbids absolutely; it is nevertheless always a way of acting upon an acting subject or acting subjects by virtue of their acting or being capable of action. A set of actions upon other actions. (Foucault, 1982, p. 789)

Assumir esta perspectiva em relação ao poder estimula a análise crítica das normas e todo o aparato que sustenta e define estas relações. Ao levantarmos os principais aspetos e componentes dos sistemas disciplinares acima conseguimos perceber quais funções são essenciais para perpetuação ou contestação das estruturas

de poder.⁵¹ Ao apontar para este aspeto relacional do poder, Foucault abre a possibilidade para que não sejamos apenas objetificados por este, mas sim que consigamos participar e escolher quais ações vamos tomar, quais relações vamos perpetuar.

O conceito governar (*government*) representa para Foucault a dinâmica e jogo de moldar possibilidades e configurar normas e, conseqüentemente, os corpos, comportamentos, a identidade e a subjetividade. É através deste conceito que ele nomeia o processo de estruturar e delimitar o âmbito das ações por meio de uma série de conhecimentos, técnicas, práticas e estratégias.

De acordo com o autor francês, este conceito não se restringe apenas ao campo da política e da gestão dos Estados. Toda atividade, seja ela religiosa, pedagógica, médica etc., que visa estabelecer e direcionar a conduta de um indivíduo ou determinado grupo pode ser considerada uma atividade de *governar*.⁵²

Outro termo importante e que trata desta mesma temática é governamentalidade (*Governmentality*). Foucault discorre sobre como o governo do soberano, que se estabelece devido ao seu controle sobre o território, foi substituído por um governo que tem como principal objetivo o controle da população e das variáveis que se relacionam com o corpo, a saúde, a vida desta população. O governar, o exercício e as relações de poder passam a ser formados por um conjunto de instituições, procedimentos, análises, táticas, mecanismos e dispositivos que tem como uma de suas principais preocupações o comportamento e conduta da população.

2.2. As confissões e a economia dos desejos

Após apresentar o que Foucault define como exercício e relação de poder, discorreremos agora sobre um exemplo que nos ajudará a perceber como este tema está relacionado com a subjetividade e um constante uso de estratégias, mecanismos e

⁵¹ “(...) o poder é um conjunto de mecanismos e de procedimentos que têm como papel ou função e tema – mesmo que não o consigam – justamente o poder.” (Foucault, 2008, p. 4)

⁵² “To govern (...) is to structure the possible field of action of others.” (Foucault, 1982, p. 790)

dispositivos que tornam capaz a modificação das possibilidades, do campo de ação de um indivíduo.

Esta seção será dedicada a apresentarmos como o uso do discurso e das informações proferidas por um indivíduo a outro (seja ele uma figura pastoral, uma figura médica ou toda figura de autoridade) podem ser utilizados com a finalidade de governar, de exercer e definir relações de poder. Identificamos que na prática das confissões — e seu posterior desdobramento na medicina e psiquiatria do Século XIX — há uma coleta e acúmulo de informações e um posterior processamento desses dados com a finalidade de enquadrar os indivíduos em uma dinâmica de poder, em estabelecer o que e quem governa e o que e quem será governado.

De acordo com a leitura que fazemos do Volume I da *História da Sexualidade*, definimos que há uma clara e explícita presença do exercício e da relação de poder tanto no caso religioso que tem como objetivo moldar a subjetividade e identidade do outro, tendo como critério os dogmas cristãos, quanto na medicina e psiquiatria que procura formar um discurso científico e verdadeiro sobre como devemos agir, pensar e desejar estabelecendo, assim, uma norma.

A partir do discurso proferido em uma confissão, a figura pastoral acumula o que foi dito pelo outro que confessa. Dentre as informações colhidas, revelam-se as opiniões, a conduta, os medos, os erros e os desejos. Com base nesta coleta e acúmulo de informações, são feitas uma série de recomendações, as quais seguem estritamente um conjunto de dogmas e de normas que vão delimitar até onde se pode pensar, errar, agir e desejar.

(...) um ritual em que a simples enunciação, independentemente das suas consequências externas, produz, em quem a articula, modificações intrínsecas: ela inocenta-o, redime-o, purifica-o, descarrega-o das suas faltas, liberta-o, promete-lhe a salvação (...) a instância de dominação não está do lado daquele que fala (porque é ele o constrangido), mas do lado daquele que escuta e se cala (...) (Foucault, 1994, p. 66)

Como consequência destas recomendações, forja-se uma individualidade, delimita-se o campo das possibilidades e subjetividade.⁵³ Assim notamos que há uma

⁵³ “(...) não se confessa sem a presença, pelo menos virtual, de um parceiro, que não é simplesmente o interlocutor, mas a instância que requer a confissão, a impõe, a aprecia e intervém para julgar, punir, perdoar, consolar, reconciliar (...)” (Foucault, 1984, p. 66)

relação e exercício de poder nesta prática da confissão,⁵⁴ há uma preocupação em delinear e demarcar o âmbito das ações, o comportamento e conduta com a finalidade de fazer vigorar e perpetuar uma finalidade: o poder pastoral da Igreja, a salvação das almas.

O *governar* como definimos anteriormente aplica-se neste caso porque há uma relação de poder na qual um indivíduo tem o objetivo de determinar ou direcionar o comportamento do outro seguindo uma *estratégia*. Em *The Subject and Power* (1982) encontramos algumas definições que Foucault dá ao termo estratégia e sua importância nessa dinâmica do poder e do governar. Segundo ele, podemos aplicar o termo estratégia de três maneiras distintas: 1. Conjunto de meios cuidadosamente selecionados e utilizados para atingir um fim; 2. A tentativa de prever as ações do outro e especular sobre o que o outro pensa ser as suas ações; 3. O ato de designar quais serão os processos para colocar um oponente em desvantagem, reduzindo seu poder de combate e fazendo com que desista do conflito. (Foucault, 1982, p. 793)

Necessariamente vamos ter a presença de estratégias nas relações de poder, visto que a *estratégia* é definida como a seleção de um conjunto de meios e mecanismos para prever e definir ações. A *estratégia* mostra-se como um plano de como podemos materializar o poder, de como podemos agir sobre o outro de maneira a delimitar suas ações, a moldar sua existência de acordo com nossos objetivos.⁵⁵ Podemos retomar aqui o que expomos anteriormente sobre o poder disciplinar. Vimos que há uma preocupação com diferentes aspectos do espaço e tempo, da distribuição dos indivíduos de acordo com uma finalidade, da adequação dos gestos e do corpo com objetos.

Retomando nosso exemplo sobre a figura pastoral, percebemos que esta utiliza de estratégias ao escutar os discursos daqueles que confessam, posiciona-se de maneira cuidadosa e considera todos os detalhes em relação a tudo que é pronunciado, bem

⁵⁴ “A confissão é um ritual de discurso em que o sujeito que fala coincide com o sujeito do enunciado; é igualmente um ritual que se desdobra numa relação de poder (...)” (Foucault, 1984, p. 66)

⁵⁵ “(...) one may call power strategy the totality of the means put into operation to implement power effectively or to maintain it. One may also speak of a strategy proper to power relations insofar as they constitute modes of action upon possible action, the action of others. One can therefore interpret the mechanisms brought into play in power relations in terms of strategies (...) every power relationship implies, at least in potential, a strategy of struggle, in which the two forces are not superimposed, do not lose their specific nature, or do not finally become confused.” (Foucault, 1982, p. 794)

como utiliza de um conjunto de meios para enfraquecer o seu oponente (aquele que profere um discurso que escapa aos dogmas e normas da igreja) e atingir sua finalidade de moldar suas ações, de garantir uma conduta que salvará uma alma mais.

Foucault considera que com o desenrolar da história e o enfraquecimento do poder pastoral cristão houve o surgimento de outro cenário com discursos que adaptaram e atribuíram outra finalidade ao ato de confessar. De acordo com o filósofo francês, houve um reconhecimento, por parte de diversas áreas do conhecimento, da importância e potencial da confissão no estabelecimento de relações e estratégias de poder, na sua utilidade para governar as ações, a conduta e comportamento alheio.

A partir deste reconhecimento ocorreu uma disseminação deste ato de escutar, de colher informações e acumular documentos, relatórios, dossiês a partir do que foi falado. Aqui se potencializa o cenário de observação total. Não basta apenas o vigiar constantemente, é necessário também escutar constantemente. O campo de observações se amplia. O ritual das confissões é uma prática e técnica que aos poucos foi utilizada para compor outras estratégias, para servir a outras relações de poder, para alcançar outras finalidades.

(...) pouco a pouco com o protestantismo, a contrarreforma, a pedagogia do século XVIII e a medicina do século XIX, (a confissão) perdeu sua localização ritual exclusiva; difundiu-se; foi utilizada em toda uma série de relações – filhos e pais, alunos e pedagogos, doentes e psiquiatras, delinquentes e peritos (...) (Foucault, 1994, p. 67)

A confissão passa a ter outros nomes e assumir outras formas, no caso do médico ou do psiquiatra temos as *consultas*, no âmbito criminal temos os *interrogatórios*, na pedagogia temos as constantes avaliações de exposições e suas correções e assim por diante.

O exemplo de como a medicina do Século XIX incorporou a confissão como um método de coletar, acumular e tratar informações ajuda-nos a perceber como as relações de poder e o governar se estabelecem a partir de estratégias e mecanismos. O “fazer-falar” forma um dos pilares da prática clínica:

(...) a narração de si próprio com o desdobramento de um conjunto de sinais e de sintomas decifráveis; o interrogatório, o questionário apertado, a hipnose (...) todos meios para reinscrever o processo de confissão num campo de observações cientificamente aceitáveis. (Foucault, 1994, p. 69)

A possibilidade de interrogar sobre tudo e de se fazer falar sobre tudo, o desenvolvimento de mecanismos e discursos para considerar a sexualidade e o uso que se faz dos desejos como causa do que se considerava como má conduta, como desvio, permite que o médico seja aquele que utilize de estratégias para governar o outro. Ao considerar a sexualidade e os desejos como um dos fatores determinantes da conduta e natureza humana, a medicina do século XIX acaba por atribuir a ela um poder causal, vão buscar nela a origem de perturbações, doenças e desvios morais.⁵⁶ A figura médica assume a posição de diagnosticar e encontrar as causas do que deve ser assistido e reparado, e também são os médicos os responsáveis por desenvolver a terapêutica e medicamentos, são eles que definem e distinguem o que é normal e o que não é.

A partir destas considerações a medicina e psiquiatria passam a desenvolver uma série de recomendações sobre o que seria adequado no âmbito dos desejos, o que seria uma prática sexual correta e saudável, como controlar certos impulsos para evitar determinados desvios etc. Isto é feito não mais a partir do critério do pecado, “(...) do excesso ou da transgressão, mas sob o regime do normal e do patológico.” (Foucault, 1994, p. 71) A figura médica que escuta⁵⁷ e diagnostica no discurso o que deve ser remediado ganha autoridade, pois a confissão adotada pela clínica pretende ultrapassar o âmbito da crença e da religião, pretende tornar-se ciência e local de onde emana um discurso verdadeiro sobre a conduta o comportamento. O médico e seu discurso ganham autoridade, suas recomendações são inquestionáveis. Assim uma norma se estabelece e há a necessidade de adequar nossas ações às recomendações.

Foucault apresenta que devemos ter atenção não apenas as interdições e repressões acerca da sexualidade e dos desejos, mas sim na proliferação dos discursos

⁵⁶ “(...) não há doença ou perturbação física a que o século XIX não tenha imaginado pelo menos uma parte de aitiologia sexual. Dos maus hábitos das crianças, as tísicas dos adultos, às apoplexias dos velhos, às doenças nervosas e às degenerescências da raça, a medicina de então teceu toda uma rede de causalidade sexual (...)” (Foucault, 1994, p. 70)

⁵⁷ “(...) aquele que escuta não será simplesmente o mestre do perdão, o juiz que condenava ou absolve; será o mestre da verdade (...) fazendo da confissão não uma proa, mas um sinal (...) a possibilidade de fazer funcionar os processos da confissão na formação regular de um discurso científico.” (Foucault, 1994, p. 69)

acerca deste âmbito, na proliferação dos dispositivos, técnicas e mecanismos para acumular confissões, relatórios e informações.

(...) o postulado de partida que gostaria de manter o mais tempo possível, é que estes dispositivos de poder e de saber, de verdade e de prazeres, estes dispositivos tão diferentes da repressão, não são forçosamente secundários e derivados; e que a repressão não é de qualquer maneira fundamental e vitoriosa (...) (Foucault, 1994, p. 77)

Quanto mais se fala, quanto mais discurso se produz, quanto mais confissões se acumula, mais substrato há para elaborar estratégias, para desenvolver dispositivos, técnicas e mecanismos que vão estabelecer relações de poder, que vão tornar possível o disciplinar e governar.

(...) proliferação de discursos, e de discursos cuidadosamente inscritos em exigências de poder; solidificação da diversidade sexual e constituição de dispositivos suscetíveis não apenas de a isolar, mas de a exigir, de a suscitar, de a constituir em centros de atenção, de discursos e de prazeres; produção exigida de confissões, e instauração a partir daí de um sistema de saber legítimo e de uma economia de prazeres (...)” (Foucault, 1994, p. 76)

Apresentamos exemplos de como o governar e as relações de poder ganham existência do âmbito da ação, através de indivíduos que modificam as ações de outro ou outros por meio de uma série de estratégias, técnicas e mecanismos. Acreditamos que esta mesma análise que Foucault faz acerca da configuração das relações de poder, do disciplinar e governar, aplica-se também ao que estamos a experienciar com o espaço digital, as redes sociais, os algoritmos e, principalmente, os sistemas de recomendação. Veremos posteriormente que estas novas tecnologias potencializaram a coleta de informações e os métodos de recomendação, fato que também permite disciplinar e governar de maneira mais eficaz.

Na próxima seção temos como objetivo apresentar como a filosofia de Foucault e suas noções sobre relações de poder, estratégia e governo fornecem uma via de diagnóstico e problematização das atuais práticas, técnicas, dispositivos e discursos utilizados pelas tecnologias da informação (TI), em especial algoritmos e *Sistemas de Recomendação (Recommender System)*.

3. O governo dos algoritmos

Nesta seção utilizaremos do levantamento conceitual que fizemos acerca da filosofia de Foucault para discorrer e problematizar como as novas tecnologias participam e tornam cada vez mais complexos os meios pelos quais a coleta, acúmulo e processamento de informações e como performam com a finalidade de configurar o exercício e as relações de poder. Vamos abordar a Tecnologia da Informação (IT), em especial os sistemas de recomendação, com o intuito de denunciar como estão a direcionar nossas ações, moldar nosso *eu* e a definir o que somos hoje. Tudo aquilo que expomos sobre as estratégias e a manipulação dos espaços físicos e dos sistemas disciplinares agora é também utilizado nos espaços digitais.

3.1. A constante confissão – a observação total nos espaços digitais

Ao expor sobre o poder disciplinar falamos sobre os espaços que são criados com a finalidade de potencializar a observação. Vimos que estes espaços são analíticos e funcionais, desenhados e planeados para a constante recolha de informações e o acúmulo de documentos e dossiês. Estes assumem um papel fundamental para se definir uma estratégia, determinar uma finalidade e estipular uma norma para que tipo de ações sejam recompensadas em detrimento de outras. Nestes espaços também encontramos examinação e a relação entre observação e exercício de poder. Quanto maior é a capacidade de observar e gerar relatórios mais eficaz será o controle. Como consequência destes espaços e sistemas disciplinares, em especial no exemplo do Panóptico, temos indivíduos que interiorizam normas e passam a exercer o poder disciplinar sobre si mesmos e os outros, vigiando e delimitando as suas ações e ações de outrem a partir da norma. Os indivíduos fazem de tudo para “agradar” e se adequar ao sistema de normas, pois ir na contramão deste é cair em uma rede de discursos, hierarquias e poder que alocarão este indivíduo em um espectro negativo, marginalizado e para além do que é considerado *normal*.

Recorreremos ao levantamento teórico que fizemos anteriormente para problematizar os espaços de informação (*Information spaces*) e as ferramentas que fazem uso deste, em especial, os Sistemas de Recomendação (*Recommender System* - RS). É possível projetar o que foi exposto anteriormente – apesar de já termos antecipado alguns passos nessa direção no decorrer do texto – no cenário hodierno e nas novas tecnologias que utilizam de uma série de mecanismos e aspetos do poder disciplinar que citamos acima. Instituições, grandes companhias e o Estado utilizam dos novos aparatos tecnológicos para replicar o que falamos sobre o panóptico, para vigiar sem ser observados, para governar e automatizar as relações de poder, para definir discursos e o campo de ações dos indivíduos.⁵⁸

A filosofia de Foucault é uma via para problematizar os Sistemas de Recomendação e expor como os espaços digitais também são desenvolvidos com o objetivo de coletar, acumular e processar informações. Estas novas ferramentas e espaços digitais são, sem dúvida alguma, alinhadas com estratégias, objetivos e finalidades que modificam nossas ações e a experiência que temos da realidade e de nós mesmos.

Os RS são definidos como ferramentas que interagem com grandes e complexos espaços de informação (*Information spaces*). Estes espaços são alimentados pelos inúmeros métodos de se observar e coletar dados relativos ao comportamento de um usuário no espaço digital. Algumas plataformas projetam e desenvolvem ferramentas para definir as preferências dos usuários através de uma coleta de dados explícita, solicitando que este avalie os itens de seu interesse ou desinteresse, ou também, observando o comportamento do usuário de maneira implícita e coletando dados sem que esta perceba.

Recommender systems are tools for interacting with large and complex information spaces. They provide a personalized view of such spaces, prioritizing items likely to be of interest to the user. The field, christened in 1995, has grown enormously in the variety of problems addressed and techniques employed (...) Personalized

⁵⁸ Quanto aos interesses do Estado no exercício do poder segundo tais configurações, podemos seguir a explicação de Mark Kelly: “In the modern period, the perception grew among governments that interventions in the life of the people would produce beneficial consequences for the state, preventing depopulation, ensuring a stable and growing tax base, and providing a regular supply of manpower for the military. Hence they took an active interest in the lives of the people.” (Kelly)

recommendations are an important part of many online e-commerce applications such as Amazon.com, Netflix, and Pandora. (Burke et al., 2011, p.13)

O método de coleta de dados explícito solicita que o usuário faça avaliações, críticas ou preencha formulários. Este disponibiliza suas preferências que serão posteriormente categorizadas pelo RS e seus critérios. Já a coleta de dados implícita está focada no comportamento do usuário – recolhidos a partir de interações do utilizador, como cliques e histórico de navegação – e fornece informações sobre preferências que os usuários podem não reconhecer conscientemente. (Jannach et al., 2010, p.2) Com os novos aparelhos como smartphones e a Internet das Coisas (*Internet of Things* – IOT) há mais formas para se criar estes gigantes espaços de informação. Os múltiplos sensores, as múltiplas formas de acompanhar todos nossos gestos e predileções eleva o potencial e a eficiência de qualquer sistema disciplinar.

Uma das primeiras definições desta ferramenta aparece no artigo *Recommender Systems* de Resnick and Varian's (1997). Segundo os autores, um RS típico coleta como inputs as informações que o usuário fornece (implicitamente ou explicitamente como vimos acima) através do seu comportamento. O sistema tem como objetivo reunir estas informações e gerar recomendações personalizadas (*Personalized Recommendations*) de itens ou conteúdo que sejam apropriados aos gostos dos usuários. (Jannach et al., 2010, p.1) O princípio é de que um RS será eficiente se recomenda itens que tenham mais probabilidade de serem consumidos pelo usuário ao qual foi indicado: "In a typical recommender system people provide recommendations as inputs, which the system then aggregates and directs to appropriate recipients." (Resnick & Varian, 1997, 56–58) Esta definição leva em consideração a participação do usuário e como este colabora com o RS ao fornecer informações, assim possibilitando a produção de recomendações.

Em definições mais tardias como a de Burke (2002) percebemos que a principal função e finalidade de um RS é fornecer uma recomendação individualizada e personalizada para um usuário. Burke propõe que "any system that produces individualized recommendations as out-put or has the effect of guiding the user in a personalized way to interesting or useful objects in a large space of possible options." (Burke, 2002)

A definição generalizada de Burke é formalizada por Adomavicius e Tuzhilin (2005). Os autores definem que um RS deve fornecer para cada usuário uma recomendação de itens tendo em consideração a maximização da utilidade que este item tem para o usuário. Os RS têm a função de mensurar a utilidade que um item tem em relação a um conjunto de itens para um usuário, e o objetivo é fazer uma espécie de *curadoria* e organizar o universo de opções/possibilidades na medida que só apareça ao usuário os itens que sejam mais úteis para este.

Podemos perceber que nesta definição há uma delimitação do campo de ação de um usuário dentro do *espaço digital*. Ele poderá escolher entre opções que o RS considerar útil para ele. O usuário terá um universo de itens e possibilidades preestabelecido e limitado pelo RS. Assim notamos que há um aspecto persuasivo na tecnologia e isso é problemático, pois esta possui a capacidade de intencionalmente mudar o curso das nossas decisões e comportamentos.⁵⁹ É importante notarmos que há uma relação dialética e quase que paradoxal aqui, pois ao mesmo tempo que a tecnologia molda nosso comportamento e decisões, a interação com nossas preferências também determinam a operacionalidade do sistema. A síntese contínua dessa relação provoca um engessamento mental que nos enclausura cada vez mais em nosso ponto de vista ao mesmo tempo que nos torna cada vez mais suscetíveis à manipulação.

A partir deste aspecto persuasivo da tecnologia devemos questionar qual o critério utilizado por esta ferramenta para definir o que é útil para um usuário. Porque muitas vezes estas ferramentas podem utilizar do poder que tem para delimitar o campo de escolha com a finalidade de persuadir, de fazer-nos consumir uma informação específica, produto ou até de aderir a determinado grupo ou assumir uma opinião. Uma recomendação pode focar nos aspectos positivos de algo e minimizar os negativos para convencer-nos e isto não é benéfico ao usuário, mas sim para quem promove, desenvolve e estabelece os critérios para o funcionamento destes sistemas.

⁵⁹ A questão sobre o uso tecnologia e o seu poder de persuadir é problematizada por B.J.Fogg em uma comunicação chamada *Persuasive Technologies* (1999).

As recomendações podem inserir itens que nem sempre potencializam a utilidade e facilitam a escolha, mas que sim enviesam e direcionam o usuário. É necessário que pensemos na transparência e que questionemos e problematizemos quais são os critérios que estão a sustentar esta função de utilidade, porque é ao definir o que é útil para o nós (usuários) que o sistema poderá manipular nossas decisões, guiarnos para consumir determinado tipo de item e conteúdo, moldar quem somos e qual nossa identidade. São os Sistemas de Recomendação que vão, através de um conjunto de dados que fornecemos com nosso comportamento no espaço digital, definir as nossas preferências e isto tem um impacto em escala social e a nível individual.

As recomendações personalizadas são essenciais para que o RS cumpra com eficiência sua função e atinja seu critério de utilidade. Para isso, esses sistemas necessitam ter acesso a um vasto conjunto de dados e informações geradas pelo comportamento prévio dos usuários. Estes sistemas são capazes de fazer uma constante observação e consequente categorização dos usuários. É fundamental que um perfil do usuário (*User Profile*) seja o mais detalhado e justificado para que haja precisão nas recomendações.⁶⁰ Os processos de elaboração destes perfis são cruciais para compreender as preferências, os comportamentos e as necessidades individuais. A eficácia das recomendações personalizadas depende da precisão e da complexidade das informações recolhidas sobre os usuários. A elaboração de um perfil de usuário permite que os sistemas adaptem as suas sugestões ao longo do tempo à medida que as preferências dos utilizadores evoluem, o que promove um acompanhamento constante da evolução e desdobramento do comportamento dos usuários. Daí a necessidade de se construir espaços digitais que sejam *funcionais* e *analíticos*, que possibilitem assim como em um panóptico a observação total dos indivíduos inseridos neste e aumentando a utilidade económica destes.

Alaa Alslaity e Thomas Tran em *Towards Persuasive Recommender Systems* (2019) apresentam uma proposta para que esta ferramenta elabore recomendações

⁶⁰ “The provision of personalized recommendations, however, requires that the system knows something about every user. Every recommender system must develop and maintain a user model or user profile that, for example, contains the user’s preferences.” (Jannach et al., 2010, p.1)

que sejam persuasivas e personalizadas para cada usuário. De acordo com eles as abordagens atuais empregam frequentemente mensagens persuasivas genéricas, negligenciando as nuances das preferências e comportamentos individuais dos utilizadores. Para resolver este problema é desenvolvido um *Personalized Persuasive RS*, chamado por eles de PerPer.

Ao integrar autómatos de aprendizagem (*Learning Autómata*), são capazes de seleccionar recomendações persuasivas e adaptadas a cada utilizador. Esta abordagem personalizada tem como objetivo potencializar a recetividade das recomendações por parte dos usuários. Ao fazer a ponte entre a recomendação e a persuasão, o PerPer tem o potencial de estabelecer um novo paradigma em como os utilizadores interagem e respondem às sugestões e o objetivo é conduzir os usuários. Os autores também ressaltam que o progresso nesta área de pesquisa torna mais evidente a intersecção que há entre as tecnologias da informação e outras áreas do conhecimento como: sociologia, medicina, psicologia, economia etc. Fato que nos ajuda a perceber como estas tecnologias também penetram todos os âmbitos da nossa vida e servem a um critério de utilidade que utilizam aspetos do processo disciplinar.

Em *An Analysis of the Interaction Between intelligent Software Agents and Human Users* (2018), Christopher Burr e Ladyman definem que estes sistemas de recomendação podem ser considerados, em alguns casos, como *Intelligent Software Agents* (ISA's), pois este tem a capacidade de tomar decisões levando em consideração as representações, inferências e conclusões que fazem através do mundo de informações e dados que geramos. Os autores ressaltam que devemos ter atenção em relação ao processo que envolve a tomada de decisões desses agentes, pois estes definem o nosso mundo de possibilidades e ações, uma vez que eles vão sugerir apenas o que consideram mais adequado para nós. Neste caso os critérios que estes sistemas utilizam no processo de recomendação e curadoria do que é útil para nós podem ir além da programação estabelecida. Estes ISA's possuem uma autonomia no processo de decisão e isso amplia o campo de problematização destas novas tecnologias.

Muitas vezes estes ISA's são desenvolvidos para mediar o acesso que temos a conteúdos e controlar outros aspetos da nossa experiência no espaço digital. Os critérios que estes ISA's utilizam em suas tomadas de decisão não são neutros, visto que ISA's são guiados por objetivos, aprendem com sua própria experiência e tomam decisões autónomas (Burr, 2018, p. 1).

A grande problemática aqui é que estes ISA's visando maximizar sua utilidade e seguir a finalidade estabelecida por quem o desenvolveu acaba por manipular os usuários em tomadas de decisão, ou fazer uma curadoria muito específica dos conteúdos com a finalidade de gerar dependência. Também temos casos de sistemas de recomendação que filtram os conteúdos relacionados com a política de determinada maneira que gera e favorece a polarização. Assim na maioria das vezes a finalidade dos ISA's não está alinhada com a finalidade dos seus usuários, porém este sistema tem acesso a um vasto conjunto de informações, o que *confessamos*, e conseguem pouco a pouco ir moldando o universo de possibilidades e o campo da nossa percepção e ações. Temos de estar atentos pois estes sistemas são desenvolvidos e ganham cada vez mais autonomia para definir o que aparecerá em nossas pesquisas no Google, YouTube ou quais serão as opções de compra que aparecem em sites como Amazon, ou pior, quais notícias e conteúdo político vamos consumir.

Percebemos que nas primeiras definições dos RS acima esta ferramenta tinha como objetivo gerar sugestões baseadas nas preferências, gostos e no comportamento dos usuários. A principal função destas ferramentas é o que define a eficiência delas é se oferecem opções relevantes aos usuários, ou seja, serão úteis na medida que minimizam o tempo de busca porque recomendam o que o usuário quer. Porém há uma crescente tendência de utilizarem estas ferramentas para persuadir, para relevar a utilidade dos itens para o usuário (não oferecer o que realmente está de acordo com as preferências e comportamento deste) e indicar itens que tem de ser vendidos devido as comissões, ou informações que tem de ser lidas devido às influências nas opiniões e na política.

Since the emergence of Recommender Systems (RSs), most of the related research body has focused on improving recommender's predictability and accuracy. However, the literature has recently witnessed increasing evidence that providing accurate recommendations is not enough to increase the perceived users'

acceptance of the system. Thus, it is vital for RSs to focus not only on the efficiency of the used matching algorithm but also on the factors that influence the acceptance of recommendations and the extent to which such recommendations are influential and persuasive. (Alslaity & Tran, 2019)

Os pesquisadores e desenvolvedores envolvidos com estas ferramentas alinham-se com os objetivos de grandes empresas ou grandes veículos de informação e acabam por estabelecer os critérios dos RS para maximizar os objetivos destas. Assim surge a tendência de atribuir a capacidade de persuasão a estes sistemas, reconhecendo a oportunidade de não só sugerir, mas também de atrair os utilizadores para itens específicos. Os RS acabam por configurar espaços que são projetados para persuadir, convencer, definir e moldar o campo de ação dos indivíduos. Como consequência disto temos uma via para docilizar, disciplinar e governar. Temos também o potencial de normalizar, observar e distribuir os usuários em diferentes categorias de consumidor, diferentes categorias de opiniões e gostos.

No artigo *Recommender Systems and their Ethical Challenges* (Milano et al., 2020) encontramos o convite para problematizar as consequências e os impactos que estas ferramentas podem ter ao fazer a curadoria de qual será a experiência de cada indivíduo nos espaços digitais e das interações sociais que se estabeleceram a partir da dinâmica presente nestes espaços.⁶¹ É fundamental questionarmos como o Sistema de Recomendação “pensa” e define quais ou qual será a opção mais relevante para o usuário.

Os sistemas de recomendação (RS) tornaram-se protagonistas nos espaços digitais e acreditamos que são responsáveis por moldar o campo das nossas ações e experiências individuais ao curar conteúdos e guiar decisões de forma personalizada. No artigo *Recommender Systems and their Ethical Challenges* (Milano et al., 2020), os autores nos convidam a examinar criticamente as consequências e impactos desses sistemas, especialmente como eles influenciam as interações sociais e as dinâmicas

⁶¹ “ (...) in order to work effectively and efficiently, recommender systems collect, curate, and act upon vast amounts of personal data. Inevitably, they end up shaping individual experience of digital environments and social interactions (...)” (Milano et al., 2020, p.1)

dentro dos espaços digitais. Embora os sistemas de recomendação, por certo prisma, melhorem a experiência do usuário ao filtrar vastas quantidades de informações, é crucial questionar como esses sistemas operam e determinam quais opções são consideradas mais relevantes para os usuários. Este exame sobre como RS “pensa” revela desafios éticos que exigem atenção.

A partir de uma perspectiva histórica, é interessante notar como as dinâmicas de poder e controle evoluíram com o tempo. Nas confissões ou na medicina do Século XIX, as interações de poder se davam diretamente entre seres humanos, como no caso do médico que escutava o paciente, processava a informação a partir de diretrizes e normas e, então, gerava recomendações sobre como o paciente deveria pensar, agir e desejar. Esse processo, anteriormente restrito a uma relação entre dois humanos, hoje é replicado de forma exponencial por meio de tecnologias que automatizam e ampliam essas interações. As relações, o exercício de poder e o governar assumem uma dimensão mais complexa e sofisticada, que se estabelece a partir de um aparato tecnológico que visa delimitar as fronteiras do nosso eu, do nosso agir e do nosso pensar, direcionando nossas ações de maneiras muitas vezes imperceptíveis – o que também remete ao silêncio do qual falamos ser característico da performance do poder no mundo contemporâneo.

Facilmente consentimos em utilizar aplicativos, redes sociais, softwares e mecanismos de busca que estão constantemente coletando e acumulando informações sobre o que pesquisamos, compramos, assistimos, clicamos. Há até mesmo a coleta constante do que escrevemos e falamos em nossos dispositivos. As formas de observação se tornam cada vez mais minuciosas e intrusivas, com tecnologias que monitoram desde o tempo que deixamos o cursor sobre um anúncio até a quantidade de calorias que queimamos. Esse acúmulo de dados permite que os RS façam recomendações que vão além da simples similaridade de comportamento; eles conseguem inferir preferências e tendências a partir de uma complexa análise de múltiplos aspectos do nosso comportamento digital.

Esta dinâmica é preocupante porque os RS não apenas identificam padrões, mas também interpretam aspectos particulares do comportamento digital e da vida dos usuários para moldar suas predileções e ações futuras. Como o padre que ouve e incentiva o *fazer falar* através da confissão ou o médico que está a colher dados para diagnosticar e prescrever, os RS utilizam uma imensa rede de coleta de dados para escutar, observar, acumular arquivos e documentos para assim gerar outputs que influenciam diretamente como pensamos, agimos e desejamos.

A analogia com o Panóptico é evidente: assim como os indivíduos, que estão neste espaço arquitetónico idealizado por Bentham, se comportavam como se estivessem sempre a ser vigiados, os usuários de plataformas digitais ajustam suas interações baseados nas recomendações que recebem, muitas vezes sem perceber que suas escolhas estão sendo direcionadas por cada recomendação. Os RS operam a partir de um aparato de coleta de dados e informações que permite observar, categorizar e processar as interações dos usuários. Esse modelo de vigilância algorítmica, como destacam Milano et al. (2020) e tal como já dissemos, não é neutro e reflete vieses que podem perpetuar polarizações no campo da política, reforçar preconceitos, desenvolver modas de comportamento. Estas ferramentas de recomendação também são desenvolvidas para maximizar o engajamento, priorizando conteúdos sensacionalistas ou que reforçam as “bolhas sociais”, assim os usuários acabam por não ter acesso a perspectivas divergentes e formam uma percepção limitada da realidade.

Ao examinar esses desafios éticos, é essencial considerar a falta de transparência dos algoritmos que operam os RS e os critérios utilizados para definir relevância e utilidade para os usuários. A curadoria de conteúdos operada pelos RS não apenas define a realidade, mas também guia as ações e escolhas dos usuários, o que resulta em um cenário propício para a manipulação e enviesamento. A filosofia de Foucault permite-nos problematizar como essas tecnologias são vias sofisticadas de governar e moldar a experiência dos sujeitos em escala individual e social.

Em conclusão, é fundamental que abordemos os desafios éticos dos Sistemas de Recomendação com uma perspectiva crítica, reconhecendo seu papel no exercício de poder e controle, como um sistema disciplinar, um Panóptico.

Conclusão

Há uma questão principal que marca o início e permanece durante o desenvolvimento desta dissertação: “O que somos hoje?” É a partir desta questão feita por Foucault que buscamos demonstrar como a sua filosofia, em suas diferentes fases, é uma via para recorrermos à história e aos documentos com a finalidade de expor as configurações de poder que estabelecem o nosso campo de ação e fazem emergir discursos, identidades e subjetividades.

O filósofo francês afirma que as três fases da sua filosofia devem ser abordadas de maneira complementar e não isoladas. O domínio da verdade, do poder e do cuidado de si⁶² marcam o desenvolvimento de metodologias como a arqueologia e a genealogia que possibilitam uma filosofia aberta ao contingente e ao corpóreo. Esta filosofia é uma via para penetrar e analisar os diferentes espaços e como foram projetados, permite que analisemos as tabelas com olhos críticos e percebamos como até o tempo e seu uso são instrumentos fundamentais para o estabelecimento das relações de poder.

No método arqueológico encontramos o abandono de uma perspectiva teleológica, universal e progressiva da História e notamos uma nova proposta de abordagem dos documentos, uma nova perspectiva em relação ao espaço e tempo. A arqueologia tem como objetivo “pôr em questão o documento” (Foucault, 2020, p. 37), encontrar e fazer aparente os discursos, mecanismos de poder e as normas através da análise de uma massa documental. Assim a filosofia torna-se uma via para mapear as configurações de poder, de conhecimento e os discursos que emergiram em diferentes épocas, não a partir de uma única causa ou fonte, mas sim da análise de todo um conjunto documental produzido. Em suma, é a partir dos arquivos e documentos que Foucault tenta encontrar os discursos, normas e conhecimentos que definem a realidade em determinada época. Assumimos também esta perspectiva na medida que encontramos na primeira fase da filosofia de Foucault a possibilidade de questionar e buscar em arquivos e documentos o que forma nossa realidade e responder, a partir da

⁶² “(...) esses três grandes domínios da experiência só podem ser entendidos uns em relação aos outros, e não podem ser compreendidos uns sem os outros. O que me incomodou nos livros precedentes foi o fato de eu ter considerado as duas primeiras experiências sem levar em conta a terceira (...)” (Foucault 2004, p. 253)

análise e problematização dos Sistemas de Recomendação, a pergunta “*o que somos hoje?*”

Assim como os arquivos analisados por Foucault são um meio para moldar realidades e configurar as dinâmicas e relações de poder, os Sistemas de Recomendação também estabelecem todo um conjunto de relações e mecanismos de poder ao definir, por meio de uma curadoria algorítmica, o que é visto, escutado, consumido e o que julga relevante para os usuários destes. O acúmulo e controle das informações e o posterior processamento faz com que estes sistemas desempenhem um papel central na definição de realidades digitais, e estas influenciam o comportamento, os valores, as ações e o que os usuários consideram como verdade.

O método arqueológico de Foucault nos permite perceber o protagonismo dos documentos e arquivos no estabelecimento de estratégias de poder. Este protagonismo pode ser projetado nas ferramentas tecnológicas e digitais, como os Sistemas de Recomendação, estes sendo um exemplo hodierno de como o acúmulo de dados e o processamento destes configura as relações de poder e a manipulação constante da nossa realidade.

O método genealógico marca a segunda fase de Foucault. Nesta fase encontramos a preocupação do filósofo com a busca das origens e a rejeição de uma série de posturas que, como vimos, encobriam as reais causas. O método genealógico é uma via para descobrirmos que há algo por trás da origem das coisas “mas não uma essência atemporal e sim que não há uma essência ou esta essência foi fabricada (...)” (Foucault, 1977, p. 142). É a partir deste método que Foucault desenvolverá na obra *Vigiar e Punir* suas definições acerca do poder disciplinar.

Ao discutir o poder disciplinar, examinamos os espaços concebidos para otimizar a observação, onde as disposições analíticas e funcionais permitem a recolha constante de dados e o acúmulo de documentos e dossiês. Estes espaços desempenham um papel crucial na definição de estratégias, objetivos e no estabelecimento de normas que recompensam ações específicas e desencorajam outras, que estabelecem hierarquias e definem o que, quando e como um indivíduo deve usar seu corpo. O poder de observação dentro destes espaços está intrinsecamente ligado ao controle; quanto

maior for a capacidade de observar e gerar relatórios, mais eficaz se torna o sistema disciplinar e o exercício de poder. O Panóptico é um exemplo deste fenómeno, onde os indivíduos, inseridos em um sistema de observação total, interiorizam normas, exercendo e mantendo o poder disciplinar sobre si próprios e sobre os outros, policiando as ações de acordo com padrões estabelecidos.

Foucault destaca que o exemplo do Panóptico pode ser projetado em nossa sociedade, principalmente em instituições estatais. Nós acreditamos também que podemos projetar o exemplo do Panóptico no cenário atual dos espaços digitais e das tecnologias que os utilizam, particularmente os Sistemas de Recomendação (RS). Instituições, corporações e o Estado usam novas ferramentas tecnológicas para replicar a e potencializar a função do Panóptico, observar sem ser serem notados, criar uma consciência constante de observação. Assim automatizando a dinâmica de poder e definindo os limites das ações dos indivíduos, usuários (termo este que parece substituir e se tornar sinónimo de “indivíduo” a partir do momento que começamos a apresentar o capítulo sobre as Tecnologias da Informação e os Sistemas de Recomendação).

Mais uma vez a filosofia de Foucault se mostra como uma via para analisar e problematizar esses sistemas, permitindo abordar os espaços digitais e como estes são desenvolvidos seguindo os mesmo critérios e aspetos dos espaços e sistemas disciplinares. A filosofia de Foucault abre uma discussão para problematizar como essas ferramentas não operam de forma neutra; são, na verdade, concebidas a partir de estratégias e se configurar a partir de mecanismos de poder que alteram o campo das nossas ações e moldam a nossa experiência da realidade e do “eu”.

Os Sistemas de Recomendação são ferramentas interativas que navegam em espaços de informação amplos e complexos. Estes espaços são alimentados por métodos de recolha de dados que monitoram o comportamento dos utilizadores no domínio digital (Burke et al., 2011). As plataformas desenvolvem ferramentas para definir as preferências dos utilizadores, muitas vezes através da recolha explícita de dados – como classificações ou feedback – e da recolha implícita de dados, que envolve o acompanhamento do comportamento do utilizador sem o seu conhecimento direto (Jannach et al., 2010). Com tecnologias como os smartphones e a Internet das Coisas

(IoT), a capacidade de criar espaços de informação expansivos cresceu exponencialmente. A miríade de sensores e métodos de rastreamento elevam o potencial e a eficiência destes sistemas disciplinares, reforçando a noção de vigilância contínua de Foucault.

Uma das primeiras definições de RS foi introduzida por Resnick e Varian (1997), estes descreveram estas ferramentas como mecanismos que visam coletar os dados do utilizador, tanto explicitamente como implicitamente, com a finalidade de gerar recomendações personalizadas. O seu objetivo é sugerir itens com maior probabilidade de se adequar aos gostos do utilizador, sempre com base nos dados que foram coletados. Burke (2002) expande esta definição, destacando que os RS são desenvolvidos para produzir recomendações personalizadas, conduzir os usuários a itens úteis ou interessantes num mundo de opções. Adomavicius e Tuzhilin (2005) formalizaram esta ideia, argumentando que os sistemas de informação devem otimizar a utilidade dos itens para cada utilizador, fazendo uma curadoria eficaz da paisagem digital para apresentar apenas as opções mais relevantes. Fica claro como o acúmulo de arquivos, documentos e informações é fundamental para que haja a curadoria do campo de ações de um indivíduo, para delimitar o que é ou não aceitável, para definir uma norma a ser seguida. Fato que reforça o que discurremos durante a dissertação: há pontos de intersecção entre os espaços digitais e as estratégias, mecanismos e sistemas que configuram e sustentam o poder de acordo com Foucault.

As recomendações personalizadas são essenciais para a eficiência destas ferramentas de recomendação. Para recomendar de forma personalizada os RS necessitam de um perfil do usuário, o que implica acesso a grandes quantidades de dados dos destes, e aqui notamos, mais uma vez, a questão da necessidade de um espaço que permita a observação constante. Os perfis detalhados dos usuários são fundamentais para este processo, pois permitem que os RS refinem as sugestões à medida que as preferências dos utilizadores evoluem e torne quase que imperceptível o exercício do controle e poder. Ocorre o mesmo como nos sistemas disciplinares: na medida que a observação e a coleta de dados são potencializadas o controle e exercício de poder também são. A monitorização constante do comportamento cria uma

dinâmica em que os espaços digitais funcionam como panóptico e assim quem possui o domínio destas ferramentas também possui a possibilidade de governar. É importante reforçar o que já foi mencionado: é praticamente impossível estar ausente das redes sociais e plataformas digitais em geral, sob pena de exclusão social, perda de oportunidades pessoais e profissionais e afins. Sendo este o caso, o poder exercido por meio das TI acaba por alcançar toda a sociedade, colocando todos sob a condição de possibilidade de manipulação e de serem governados.

Esta curadoria constante operada pelos Sistemas de Recomendação sublinham o aspeto persuasivo da tecnologia, uma vez que restringe o campo de ação do usuário a possibilidades e opções que seguem o critério de utilidade do RS. Muitas vezes desconhecemos quais são estes critérios e não há transparência em como os RS definem o nosso campo de ação. Isto nos ajuda a problematizar o desenvolvimento destas ferramentas que estão a nos governar e a direcionar-nos a um objetivo preestabelecido. Ao definir o que é útil, o que deve ser consumido, visto, usado e pensando (no caso das opiniões) os RS têm o poder de influenciar nossa identidade, nosso posicionamento político, nossos comportamentos enquanto consumidores, nossa relação com nosso corpo e “eu”. Estes sistemas apresentam consequências significativas em relação à nossa autonomia e ao campo de ação. Assim como o que Foucault propõe sobre o cuidado de si, também utilizamos sua filosofia para propor que é necessário assumir uma postura crítica e passar a exigir mais transparência e responsabilidade daqueles que definem os critérios de utilidade que vão guiar as recomendações destes sistemas. Pois estes estão a definir *o que somos* hoje.

A filosofia de Michel Foucault é fundamental para compreendermos os mecanismos e relações de poder que são gerados e mantidos nos espaços digitais. Seus conceitos nos permitem ver como essas novas ferramentas são projetadas de maneira minuciosa, com o objetivo de observar, acumular dados, recomendar e, finalmente, definir o campo de ação dos indivíduos. Nesse contexto, surge uma espécie de ditadura dos algoritmos, onde decisões que afetam nossas vidas são determinadas por sistemas invisíveis e com pouca transparência, operando sob a lógica da observação constante e do controle.

Os Sistemas de Recomendação governam, agem como um Panóptico no espaço digital, observam constantemente e influenciam silenciosamente nossas ações, reforçam normas e padrões de comportamento que moldam a consciência dos usuários e alteram a sua percepção de si mesmo e da realidade. Estes sistemas com suas recomendações direcionam nossas ações, ditam o que consumimos e como nos comunicamos e até mesmo no que acreditamos. O grande problema é que, na maioria dos casos, nossas ações e corpos estão a ser guiados para direções que não favorecem a liberdade, a autonomia, o cuidado de si. Assim percebemos que a questão “o que somos hoje” é fundamental para percebermos o que nos governa, o que dita as normas e acaba por ter papel essencial na configuração de nós mesmos.

Concluimos que, os conceitos presentes nas diferentes fases da filosofia de Foucault, nos permitem compreender a presença e o alcance dos Sistemas de Recomendação sobre nossas ações. Também nos permitem problematizar como estas ferramentas estão a moldar o cenário contemporâneo ao, de certa forma, estabelecer os limites do que podemos ser.⁶³ Esta análise serve como um diagnóstico e torna clara a necessidade de questionar e problematizar o poder destas ferramentas, o governar dos algoritmos. Devemos abandonar uma visão otimista que insistentemente sublinha apenas os pontos positivos e benefícios destas ferramentas. Temos de assumir uma perspectiva que suspeita daqueles que defendem a neutralidade destas ferramentas e exigir mais transparência, responsabilidade e ética no desenvolvimento destas. Apenas desta maneira que seremos capazes de garantir e preservar nossa autonomia. Analisar, questionar e revisitar a questão “o que somos hoje” é um exercício constante do cuidado de si.

⁶³ A escolha dos termos é cuidadosa. Trata-se de uma delimitação das possibilidades, e não de uma determinação inequívoca e absoluta. Afinal, há ainda algo que parte do indivíduo nessas interações, e a forma com que será afetado não é simples e precisa como num cálculo matemático simples. Mas quando se oferece um quadro de opções com as quais o indivíduo pode interagir, afunilam-se as possibilidades, filtram-se as influências e reduzem-se as variáveis com as quais as pessoas podem compor-se.

Referências Bibliográficas

- ALSLAITY, A.** and **TRAN, T.** (2019). “Towards Persuasive Recommender Systems”. In: IEEE 2nd International Conference on Information and Computer Technologies (ICICT), Kahului, USA.
- BERNAUER, J;** **MAHON, M.** (1994). *The Ethics of Michel Foucault*. In: The Cambridge Companion to Foucault. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 141-158.
- BERNAUER, J;** **MAHON, M.** (1994). “The Ethics of Michel Foucault”. In: *The Cambridge Companion to Foucault*. Cambridge: Cambridge University Press. pp. 141-158.
- BEVIR, M.** (2008). *What is Genealogy?* In: *Journal of the Philosophy of History* 2, pp. 263–275.
- BURKE, R.,** Felfernig, A., & Göker, M.H. (2011). “Recommender Systems: An Overview”. *AI Magazine*, 32(3), 13-18.
- BURKE, R.** (2002). Hybrid Recommender Systems: Survey and Experiments. *User Modeling and User-Adapted Interaction* 12(4): 331–370.
- BURR, C.,** CRISTIANINI, N., & LADYMAN, J. (2018). An Analysis of the Interaction Between Intelligent Software Agents and Human Users. *Minds and Machines*, 28(4), 735–774. <https://doi.org/10.1007/s11023-018-9479-0>
- FLORIDI, L.** (2011). The Construction of Personal Identities Online. *Minds and Machines*, 21(4), 477– 479. <https://doi.org/10.1007/s11023-011-9254-y>
- FOUCAULT, M.** (2020) *Arqueologia do Saber*. Lisboa, PT: Edições 70.
- FOUCAULT, M.** (1982). “The Subject and Power”. *Michel Foucault: Beyond Structuralism and Hermeneutics*. 2nd edition. Ed. Hubert L. Dreyfus and Paul Rabinow. Chicago: U of Chicago P.
- FOUCAULT, M.** (2019). *Discipline and Punish*. Londres, UK: Penguin Books.
- FOUCAULT, M.** (2004). *Ditos e escritos V: ética, sexualidade, política*. Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária.

- FOUCAULT, M.** (1978). *History of Sexuality Vol. 1: An Introduction*. New York: Pantheon Books.
- FOUCAULT, M.** (1985). *History of Sexuality Vol. 2: The Use of Pleasure*. New York. Vintage Books.
- FOUCAULT, M.** (1984). *Michel Foucault (1926-1984): O dossier – últimas entrevistas*. Rio de Janeiro: Taurus.
- FOUCAULT, M.** (1977). *Nietzsche, Genealogy, History*. In: Language, Counter-Memory, Practice: Selected Essays and Interviews. Ithaca: Cornell University Press.
- FOUCAULT, Michel.** (2008). *Segurança, Território, População: Curso Dado no Collège de France (1977-1978)*, ed. de Michel Senellart, dir. de François Ewald e Alessandro Fontana, trad. de Eduardo Brandão, rev. de Claudia Berliner, São Paulo, Martins Fontes.
- FOUCAULT, M.** (1988). *Technologies of the Self*. In: A Seminar with Michel Foucault. Massachusetts: The University of Massachusetts Press.
- HEGEL, G. W. F.** (2003) *Fenomenologia do Espírito*. Rio de Janeiro, Vozes.
- HEGEL, G. W. F.** (1956) *The Philosophy of World History*, edited and translated by John Sibree, New York: Dover.
- JANNACH, D., ZANKER, M., FELFERNIG, A., FRIEDRICH, G.** (2010). *Recommender Systems An Introduction*. New York, Cambridge University Press.
- KELLY, M.** “Michel Foucault: political thought”. *Internet Encyclopedia of Philosophy*. James Fieser & Bradley Downden (eds.) Consulted in: <https://iep.utm.edu/fouc-pol/#H7>
- KOENE, A.** (2015). Ethics of Personalized Information Filtering. In: Springer International Publishing Switzerland. pp. 123 – 132.
- KUHN, T. S.** (1962). *The Structure of Scientific Revolutions*. Chicago, University of Chicago Press.
- LEITER, B.** (2013). *Nietzsche’s Naturalism Reconsidered*. In: GEMES, K; RICHARDSON, J (ed.). *The Oxford Handbook of Nietzsche*. Oxford: Oxford University Press, pp. 576-598.

- MARX**, K; **ENGELS**, F. (1976). *The German Ideology*, translated by Clemens Dutt, W. Lough, and C. P. Magill, London: Lawrence and Wishart.
- MILANO**, S. **FLORIDI**, L. (2020). Recommender systems and their ethical challenges. *AI and Society* (4): 957 – 967.
- NIETZSCHE**, F. (2001). *A Gaia Ciência*. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras.
- _____. (2004). *Aurora*. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras.
- _____. (2009). *A Genealogia da Moral*. Trad. de Mário Ferreira dos Santos. São Paulo: Editora Vozes.
- _____. (1992). *Além do Bem e do Mal*. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras.
- _____. (2015) *Fragmentos póstumos: 1884-1885*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, Volume V.
- RESNICK**, P. and **VARIAN**, H.R. (1997). *Recommender Systems*. *Communications of the ACM*, 40, pp. 56-58.
- VRIES**, K. (2010). Identity, profiling algorithms and a world of ambient intelligence. *In: Ethics inf Technol* 12: 17-85.
- WEBB**, D. (2013). *Foucault's Archaeology: Science and Transformation*. Edinburgh, Edinburgh University Press.